

Revista de

FERREIRA

Semestral, nº 1 Abr-Set



FERREIRA, 40 ANOS ATRÁS

++ Uma viagem no tempo, que mostra a transformação da vila, desde os anos 70

POSTO DE COMANDO...DO POVO

++ Saiba como se viveu o 25 de Abril de 1974, no concelho

"TENHO MEDO É DOS VIVOS"

++ Carlos Balicha, coveiro, desmistifica a sua profissão

"CORRO COM A VIDA ÀS COSTAS"

++ Dionísio Ventura conta os seus sacrifícios para continuar a competir



02
ENTRE SIRENES, FOGO E DOR




08
"CRESCI A TOCAR NA BANDA"



16
"TENHO MEDO É DOS VIVOS"



22
ADOLESCENTES SOBRE RODAS



28
"TROQUEI AS CEARAS PELO MAR"



36
FERREIRA, 40 ANOS ATRÁS



44
'A AMIZADE NÃO TEM IDADE'



50
'FUJA' DO AVC




58
REBOTALHOS DE UM ALENTEJO



06
ALENTEJO À NAVALHA



12
CAIXA DE SONHOS



18
ANDRÉ 'EL MAGO' MARTINS



24
"CORRO COM A VIDA ÀS COSTAS"



30
POSTO DE COMANDO... DO POVO



42
BANHO DA PORCA



48
RIR SEMPRE FOI REMÉDIO



56
FERREIRA SUSTENTÁVEL



60
NOTÍCIAS BREVES

EDITORIAL



Ferreira do Alentejo tem uma nova publicação. A "REVISTA DE FERREIRA" (RF) com periodicidade semestral, irá ser editada, no seu primeiro ano, em dois momentos fundamentais para a Democracia Portuguesa e a nossa vida colectiva – o 25 de Abril e a Implantação da República (que este ano celebra o seu centésimo aniversário).

Este número dedicado aos 36 anos do 25 de Abril será, como o foi a Revolução para o regime Democrático, o "pontapé de saída" da sua (esperamos) longa vida.

Quisemos abrir um espaço de reconhecimento das nossas Pessoas, do percurso das suas Vidas, como contribuíram, e como o farão no Futuro, para a nossa Comunidade. Quisemos valorizar o esforço e o mérito, de destacar, informar e aumentar a nossa "auto-estima" colectiva. A RF terá como principal "marca" a Qualidade e Rigor nos Conteúdos, na Imagem e como principal objectivo a preservação da nossa Cultura, dos Hábitos e Costumes e do "SER FERREIRENSE".

A RF surge numa altura em que o nosso Mundo está numa "velocidade progressivamente acelerada" e em que a Modernidade do País e obtenção de Progresso, se deveram ao 25 de Abril. Hoje estamos, de facto, cada vez mais próximos dos países mais desenvolvidos do Mundo.

Portugal, a nossa Região e Ferreira do Alentejo progrediram de forma notável na melhoria da qualidade de vida das pessoas,

talvez como poucos (ou nenhum?) país do Mundo num espaço tão reduzido de tempo. Poder-se-ia buscar a canção de José Mário Branco para contar a nossa História e a esperança do nosso Futuro :

"Eu vim de longe/de muito longe/o que eu andei p'ra'qui chegar /Eu vou p'ra longe/p'ra muito longe/onde nos vamos encontrar/ com o que temos p'ra nos dar"

Podemos e devemos ter toda a confiança no valor, das nossas pessoas, das nossas instituições e da nossa terra.

A REVISTA de FERREIRA irá procurar com a vossa colaboração e atenção percorrer um caminho de Futuro, um Caminho de que todos nos possamos orgulhar.

É um dos contributos que damos para a História do nosso Concelho.

Queremos que seja uma publicação autárquica de referência e mais do que da CMFA uma revista de todos e para todos.

"Hoje é o Primeiro Dia do Resto da Vida da Nossa Revista" ...!

Anibal Reis Costa

anibalreiscosta@cm-ferreira-alentejo.pt

Ferreira do Alentejo, Abril de 2010

ENTRE SIRENES, FOGO E DOR

texto_ Marco Maurício

ANTÓNIO GUERREIRO, COMANDANTE DOS BVFA,
RECEBEU CRACHÁ DE OURO E MEDALHA DE MÉRITO.

Aos 68 anos, António Guerreiro passou mais de metade desse tempo entre sirenes, fogo e dor. A metáfora esconde os 45 anos dedicados aos Bombeiros Voluntários de Ferreira do Alentejo (BVFA). Hoje, comandante da corporação, recorda a missão de uma vida.

Em 1960, a vontade de meia dúzia de homens deu origem à fundação da Associação de Bombeiros. Os primeiros sócios foram aparecendo, e num processo algo vagaroso, também se inscreviam os primeiros voluntários. Foi nessa leva que, em 1969, completados 23 anos, José Guerreiro cedeu à vontade de se alistar. Com a garra típica de quem acredita poder mudar o mundo, o jovem de cabelo claro vestia a farda pela primeira vez.



Contudo, segundo este bombeiro, aqueles tempos eram vividos com mais paixão que acção. "Só fazíamos coisas pequenas, pois, não tínhamos meios para mais. Quando era algo maior, tinham de vir bombeiros de fora, e nós só íamos ajudar", recorda. Num Quartel improvisado, um bando de corajosos, desarmados, tentava remar contra as dificuldades de erguer a corporação. "Éramos bombeiros só de presença, e por isso, éramos gozados na vila", conta.

Na falta do material mais básico, tudo se resolvia com um pouco de persistência e boa vontade. "A primeira viatura que tivemos foi uma Bedford, a gasolina. Muitas vezes, tivemos de a empurrar para sair em serviço", lembra.

Só em 1972, com o início das obras do Quartel, a situação dos Bombeiros de Ferreira iria ganhar novo rumo. Em 1974, inaugurava a casa onde, até hoje, se encontra o comando dos BVFA. Nos dias que correm, ao olhar os sete quadros onde estão homenageados os anteriores comandantes dos BVFA, António Guerreiro insiste em destacar Acácio Vilhena, como um dos agentes cruciais no desenvolvimento do Quartel.

Da sua parte, há já quinze anos na frente da corporação, o comandante diz nunca ter encarado ser bombeiro como uma profissão. No entanto, constata que há, cada vez, menos voluntários nesta área.

"Quem é que quer estar acordado toda a noite, e depois pegar no trabalho de manhã", pergunta o comandante. Hoje, reformado, António Guerreiro lembra a ginástica dos tempos em que era motorista de transportes públicos. "Às vezes, fazia três e quatro serviços, numa noite. Depois, ia para o trabalho, e dormia em bancos de rodoviária, nos tempos mortos", recorda.

Mesmo assim, ao fim de quase cinco décadas, ainda entra em todas as missões. "A vontade de lá estar absorve qualquer cansaço físico", garante. Quando lhe pedem para isolar o pior momento da sua carreira, as lágrimas descem-lhe o rosto, e a resposta treme na voz: "nos bombeiros, a única coisa que me faz sofrer é pensar

"A primeira viatura que tivemos foi uma Bedford, a gasolina. Muitas vezes, tivemos de a empurrar para sair em serviço".

António Guerreiro,
68 anos

“... Afinal, daqui não se leva mais nada, a não ser, saber que fizemos a diferença nesta vida”.

António Guerreiro,
68 anos

que, daqui a dois anos, serei obrigado a ir embora”, lamenta.

A lei dita que a idade limite de qualquer bombeiro se atinge aos 65 anos. Mediante proposta da direcção, é permitido um último contrato. Neste caso, a terminar quando António completar 70 anos. “Ainda não estou preparado para abandonar os bombeiros, isto é a minha casa”, desabafa.

Registe-se que, recentemente, António Guerreiro foi galardoado com o crachá de Ouro e medalha de Mérito. Os dois maiores títulos que podem ser atribuídos a um bombeiro. No quadro de honra, onde se emoldura a coragem, há também já um espaço vago, à espera do seu retrato. António Guerreiro será imortalizado, enquanto 8.º comandante dos BVFA.

Sem arrependimentos. Sem fantasmas às costas. Para a história, fica a sensação inarrável de quem se fez super-homem por insistência. Nos seus olhos, mil histórias de vida e morte. Momentos intermináveis, onde o medo corta a respiração, e rostos sem nome gritam numa só voz: Socorro!

“Aqui vêem-se coisas horríveis, e temos de ter coragem para suportar a dor dos outros. Afinal, daqui não se leva mais nada, a não ser, saber que fizemos a diferença nesta vida”, conclui.





Bombeiros valem 9.º ano a 12 jovens

Para quem não sabe, o Quartel dos BVFA foi, recentemente, transformado em sala de aula. Através de uma parceria entre a Protecção Civil e a E.B. 2,3 José Gomes Ferreira, está a decorrer um curso de Protecção de Pessoas e Bens/Bombeiros que dará o 9.º ano a 12 jovens, entre os 15 e 16 anos. "Este curso, de educação e formação, surge no combate ao desvio social e abandono escolar, através de actividades que interessam aos alunos e à comunidade", explica Maria Antónia Magalhães, directora do Agrupamento Vertical de Escolas.

Na Escola, continuam a existir disciplinas como Português, Matemática e Inglês, por exemplo, e no Quartel desenvolvem-se todo o tipo de exercícios de busca e salvamento. Segundo a directora, "o projecto é um sucesso na recuperação destes jovens, e o segredo passa pelo perfil do formador, o 2.º Comandante António Gomes. "Penso que um professor comum não conseguiria impor o mesmo rigor e disciplina a estes miúdos", acredita Antónia, acrescentando que "o comportamento dos alunos, dentro e fora da sala, tem melhorado significativamente".

Para o 2.º Comandante, esta "é a oportunidade para evitar que jovens se percam e entrem em maus caminhos", afirma. Por outro lado, a iniciativa tem ainda um papel importante na divulgação do trabalho dos Bombeiros. "O curso também nos permite criar novos interessados e recrutar voluntários para a corporação. Bem precisamos", desabafa António Gomes. ■

ALENTEJO À NAVALHA

texto_ Marco Maurício

AOS 82 ANOS, TI MANEL REPRODUZ A TRADIÇÃO EM MADEIRA, NO ESPAÇO DO ARTESÃO.

Uma navalha afiada e uma lixa, é tudo o que Ti Manel (Manuel Bento da Luz), de 82 anos, precisa para esculpir os traços do Alentejo. Desde instrumentos agrícolas antigos, casas, igrejas e mobílias típicas, este artesão consegue recriar toda uma cultura em madeira.

Há cerca de 14 anos que as suas peças são um dos pontos fortes do artesanato do concelho. Numa pequena galeria cedida pela Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo (Espaço do Artesão), encanta os vários turistas que o procuram, todos os dias. “Tenho obras espalhadas pelo mundo, pois, os estrangeiros não saem daqui sem comprar, pelo menos, uma ‘cadeirinha””, conta.

Aos sete anos, as tampas de pomada, latas de conserva e um bocado de madeira velha eram o suficiente para fazer pequenos carrinhos. “Não havia muitos brinquedos nem dinheiro para os comprar, então, eu fazia-os com o que apanhava”, explica Ti Manel.

Andou na escola, mas nunca aprendeu a ler. Culpa a professora, “não prestava para ensinar”, diz. Entregou-se cedo à vida do campo. Na agricultura e a guardar vacas estabeleceu o primeiro contacto com o mundo que iria inspirar a sua arte. Bebeu a cultura da região na lida de cada dia, e tocou na tradição com as suas próprias mãos, enquanto ganhava o pão. Charruas, arados, forquilhas e carros de bois, Ti Manel garante não precisar de copiar as formas de lado algum. “Antes de cortar a madeira, as figuras já existem na minha cabeça, trabalhei e conheço de perto tudo o que desenho”, garante o artesão, que descreve o seu talento como uma mistura de “instinto e experiência”.

Já mais velho, trabalhou durante décadas como empreiteiro. Conduzia um cilindro. “Ainda hoje, me chamam o homem do cilindro”, graceja. Mas, sempre foi entre as pequenas peças de artesanato que Ti Manel se sentiu realizado. “Trabalhava nas obras dias inteiros, então, ao domingo, entretinha-me com a madeira. Nunca me aborrecia”, garante. Come-

“Trabalhava nas obras dias inteiros, então, ao domingo, entretinha-me com a madeira. Nunca me aborrecia”.

Manuel da Luz,
82 anos

çou por fazer esses trabalhos num pequeno espaço seu. “Esculpia as figuras numa casa com dois metros de comprimento, por 70 centímetros de largura. Quando dei por mim, mal tinha espaço para me mexer lá dentro”, lembra Ti Manel.

Agora, reformado, com uma galeria só para si, perde-se nas horas, desenhando o passado da sua terra. Com as portas abertas, numa pequena cadeira, virada para a rua, o Ti Manel mostra-se sem segredos. “Isto não se ensina, nasce com a pessoa. Ainda assim, eu gosto de explicar”, observa o artista, com um sorriso ‘malandro’.

Neste projecto, participa ainda o seu filho Bartolomeu da Luz, de 47 anos. “Aprendeu comigo, mas já se safa melhor que eu”, admite Ti Manel. A dupla, além de abrilhantar os Jogos Culturais do Concelho, é também já reconhecida por este Portugal a fora. Em 2007, Bartolomeu da Luz trouxe para Ferreira do Alentejo o 1.º Prémio Nacional de Artesanato, na categoria de Artesanato Tradicional. Numa prova subordinada ao tema ‘O Brinquedo’, este ferreirense venceu um concurso entre artesãos de todas as regiões do País, com um ‘Porco a andar de Bicicleta’. Para construir o brinquedo, precisou apenas de madeira e um elástico.

O preço do seu artesanato pode variar entre os dois euros e os 150 euros, mas muitas das suas obras nem são para venda. “Faço só por gosto”, garante. ■



“CRESCI A TOCAR NA BANDA”

texto_ Marco Maurício

FILARMÓNICA DE FERREIRA DO ALENTEJO É UMA DAS
MAIORES EXPRESSÕES CULTURAIS DO CONCELHO.



Muitos consideram que a música é a tinta da alma, sobre um mundo à solta - o desassossego harmonioso do espírito, que prende sentimentos em acordes. Mas, será mesmo? A resposta pode estar nos cerca de 40 músicos da Banda da Sociedade Filarmónica de Ferreira do Alentejo, e nas 20 crianças que frequentam essa escola de música. A grande parte destes artistas, entraram para a Banda quando ainda mal tinham forças para segurar os instrumentos. Cresceram entre Do's e Re's, que lhes roubaram as tardes de brincadeira na rua. Hoje, fazem parte do sucesso da colectividade, e podiam escrever metade das suas vidas numa pauta de música.

A Banda foi fundada a 8 de Maio de 1925. No entanto, na viragem do milénio, o grupo estava no inactivo, devido a problemas internos. O último concerto aparecia desfocado no tempo, e os escassos alunos debatiam-se contra um sistema de ensino a carecer de reforma. Foi quando, há cerca de 10 anos, a entrada de uma nova direcção avançou um projecto inovador, disposto a revolucionar a instituição. O principal objectivo - atrair jovens do concelho, revitalizar e rejuvenescer a Banda.

Para esta missão, foi destacado o maestro Luís Clemente. “Recrutámos crianças em todas as freguesias, e dedicámos um ano a organizar a escola de música, sem a obrigação de ter concertos”, conta o maestro.

Lentamente, por paixão, por curiosidade ou por acaso, foram aparecendo os primeiros alunos. De mangas arregaçadas, sacudiu-se o pó de instrumentos velhos, e compraram-se outros, com apoios do Estado. Quase a colo, iniciavam-se as primeiras dez ou quinze aulas de solução, entre colcheias e semifusas.

Um, dois, três, quebrava-se o silêncio e o eterno solfejo. Voltava a correria barulhenta, pela escada vermelha do edifício, e as notas ao lado, dadas por eruditas de palmo e meio.

Passada uma década, muitos são ainda os músicos que permanecem no projecto, des-



Luís Clemente entre 15 melhores jovens maestros do mundo

Há muito que a música feita no Alentejo se soltou do estereótipo dos dolentes grupos corais. Quem o prova é Luís Clemente, maestro de Ferreira do Alentejo, com 33 anos, um dos seleccionados para um concurso internacional que junta os 15 melhores jovens directores de orquestra do mundo.

O prestigiado 'VI Concours International de Jeunes Chefs d'Orchestres d'Harmonie', a realizar em Chenôve (França), de 22 a 29 de Maio, apurou, pela primeira vez, um português, entre mais de 300 candidaturas, vindas de todo o mundo.

de o início. Hoje, mais crescidos, levam à rua cerca de dez concertos por ano, mais procissões e projectos especiais, com bandas de outras localidades. "Não queremos ser uma banda arcaica, e isso consegue-se através de uma postura diferente, com músicas mais interessantes, com o estudo de outras orquestras, em concertos pedagógicos e formações para os nossos músicos", explica Luís Clemente.

Segundo o maestro, a aposta em padrões elevados de aprendizagem começa já a dar frutos. " Não formamos só alunos, o próprio público revela uma evolução. Passámos de salas vazias, para salas onde só assistiam os pais, até às salas cheias, como temos agora", acrescenta.

O papel da Sociedade Filarmónica começa a merecer cada vez mais destaque, não apenas pelos serviços e animações culturais, mas também pelo papel social que tem desempenhado junto da comunidade. " Alguns vieram 'para aqui' com dez anos, e hoje têm 20, seria impensável que a educação que lhes foi dada na Banda não se reflectisse nas pessoas que são hoje", comenta o maestro. "Tentamos transformar estes jovens em pessoas melhores, quer pelas amizades que se criam – entre crianças de estratos sociais diferentes, que de outra forma, poderiam não ter o mesmo contacto -, quer pela transmissão de hábitos de estudo, no-

ções de respeito em grupo, e capacidade sensível", acrescenta.

Colocando em segundo plano um futuro na música para estes jovens, Luís Clemente envolve as suas palavras em orgulho, e fala do que considera ser mais importante: "não queremos ser uma banda de regime militar, queremos formar jovens com cultura, que possam transmitir esses conhecimentos aos seus filhos e transformar a sociedade", conclui.

Exemplo desta dedicação é Ana Martins, de 22 anos. Está na Banda há 11, e atravessou as duas fases da instituição. "Agora, qualquer miúdo de 8 ou 9 anos tem um instrumento passadas duas se-

manas de aulas. Eu, estive dois anos a aprender teoria até me passarem um clarinete, queria mesmo tocar”, recorda.

Já outros, falam de uma paixão accidental pela música. “Adoro tocar mas, quando comecei, a banda era considerada um coisa foleira, vim influenciado por uma amiga”, explica Luís Guerreiro, percussionista, de 20 anos. O mesmo se passou com João Santinhos, 19 anos, trombonista: “não fazia muita ideia do que era uma banda, só quando a ouvi tocar em grupo, é que fiquei fascinado”, acrescenta.

Por sua vez, Jorge Magalhães, trompetista, já frequentava o Conservatório Regional do Baixo Alentejo, em Beja, antes de entrar na Banda. Juntou-se ao grupo influenciado pela irmã, confessa. Actualmente, dá também os primeiros passos em direcção de orquestra. “Sei da responsabilidade e trabalho que implica ser músico, mas estou a estudar para isso, é o que quero para a minha vida”, afirma.

O que há em comum entre os quatro jovens, além de estarem juntos neste projecto desde o começo, é o facto de já se terem tornado monitores da Escola de Música da Sociedade. Pelas suas mãos, passam alunos de todo o concelho, com idades entre os 8 e os 18 anos.



“Não fazia muita ideia do que era uma banda, só quando a ouvi tocar em grupo, é que fiquei fascinado”.

João Santinhos,
19 anos

Segundo a direcção, o quarteto contribui de forma significativa na evolução desse centro de formação, afirmando-se já como uma peça chave da colectividade. “É claro que, só em ensaios, perdem-se muitas tardes e fins-de-semana, mas somos muito unidos, e esforça-mo-nos para que banda cresça. Além disso, gostamos do que fazemos”, esclarece João Santinhos.

Uma união que os jovens fazem questão de frisar. “Cada elemento da Banda é importante à sua maneira. São precisos sacrifícios de todos para que isto possa continuar a funcionar”, sublinha Ana Martins.

Assim, nesta orquestra pintada em tons de família irreverente, Luís Guerreiro recorda o percurso que solidificou o colectivo. “Cresci a tocar na banda, eu e muitos outros. É como uma segunda casa, onde, além de cultura musical, se adquire responsabilidade e atitude, num ambiente de amizade e descontração”, afirma.

Apesar da tenra idade da grande maioria dos músicos, fica a promessa de lutar pela continuidade da Filarmónica. “Já fazemos parte da mobília da casa, e isso faz-nos sentir mais responsáveis pela Banda”, comenta Luís Guerreiro. Pelo caminho, ficam momentos indeléveis no tempo. Ficam risos, lágrimas...ficam traços de vidas contadas ao metrônomo, onde só a música clássica conta a história. ■

Começou a tocar na Banda há quase 50 anos. Percorreu na Sociedade Filarmónica e Recreativa de Ferreira do Alentejo um caminho de 45 anos como músico, 30 dos quais também no papel de director. Deixou de tocar clarinete, há 3 anos e, hoje aos 86, faz questão de continuar a acompanhar o percurso da filarmónica.

No entanto, o som dos instrumentos, traz-lhe também alguma nostalgia: "o que tenho mais saudades é de tocar", desabafa.

Francisco Morais lembra com emoção a época em que a retribuição dada aos músicos, era um lanche no final de cada actuação. "Nessa altura batia-se aí tudo, o convívio e a amizade que se fazia ficava por muitos anos, eram bons tempos", recorda. Com uma nova filosofia, a Banda de hoje, conta também com grandes valores. "Temos ali miúdos muito bons, bem como instrumentos e condições que antes não existiam", conclui.

Recorde-se que, nesta altura, Francisco Morais é o único músico da «velha guarda» que ainda mantém ligações à Banda Filarmónica de Ferreira do Alentejo.

texto_ Manuela Pina



"O que tenho mais saudades é de tocar".

Francisco Morais,
86 anos



CAIXA DE SONHOS

texto_ Marco Maurício

AOS 62 ANOS, LÉ REVIVE CERCA DE CINCO DÉCADAS,
ENQUANTO PROJECCIONISTA DO CONCELHO

Se Manuel Gomes pudesse escolher, a sua vida seria contada em filme. Os seus dias seriam fotogramas antigos, e as suas histórias projectadas a preto e branco. Sem falas, apenas música. Sem gritos, apenas gargalhadas. A sua casa, uma sala escura, invadida em silêncio pelo clarão que traz os sonhos. Um mundo sem interferências. Sem intervalos a meio. E aí, com as luzes baixas, o coração bateria à velocidade que roda a bobine, na expectativa da próxima cena.

Manuel Gomes?! Um nome que soa a estranho, numa cara inconfundível. Sim, este é o verdadeiro nome do homem do cinema, este é o nome de Lé.

É ele que, aos 62 anos, continua atrás dos projectores. Nessa, que é a sua paixão há mais de cinco décadas. "Quem me ensinou foi um senhor chamado Valdemar Viegas, que fazia o cinema na 'Esplanada'", recorda. Estávamos em 1955 e a Esplanada, onde

hoje é o restaurante Planície Verde, era como a sua segunda casa. Na altura, um bilhete custava 25 tostões para a zona geral, 3 escudos para a 1.ª plateia, 4 escudos para a 2.ª plateia e 6 escudos para o balcão. "Esta última área era a única onde as cadeiras não eram de lata. Fi-

cava debaixo da placa, que protegia do frio e da chuva, e tinha serviço de bar”, descreve Lé.

Durante as férias de Verão, Lé deixava a brincadeira de parte, e passava o máximo de tempo que pudesse a aprender os truques da profissão. “Quando os filmes já tinham passado na vila, ia com um amigo de Barrancos fazer cinema ambulante noutras terras”, conta. Numa carrinha branca, caixa dupla, levavam o material de projecção e guardavam espaço para improvisar uma cama. Só voltavam a Ferreira no final da semana, para fazer a próxima sessão de cinema. “Tínhamos de poupar dinheiro”, explica.

Mais tarde, quando a caixinha dos sonhos passou para o ‘Cine Ferreirense’, Lé, já mais velho, tirou a carteira profissional de projeccionista. Na segunda gerência do espaço, já estava no comando. Hoje, à distância, o homem do cinema considera que a escolha dos filmes nem sempre foi a mais certa. “Começaram a trazer filmes pornográficos, e se vinham muitos homens, por sua vez, as mulheres não achavam graça nenhuma”, comenta. Ainda hoje, Lé lembra um filme que veio enganado, e causou a desordem. Com um enorme poster à porta, o ‘Cine Ferreirense’ anunciava os ‘Três Mosqueteiros’. Publicidade feita, na hora da exibição, sala cheia para ver o clássico. “Ninguém



“Com cadeiras de lado, entravam cerca de 200 pessoas, e ainda assim, guerreavam à porta por bilhetes”.

Manuel Gomes,
62 anos.



fazia ideia, nem nós. Assim que o filme inicia, começam a aparecer cenas 'picantes' e deu-se uma debandada de mulheres", revive Lé.

Quando o 'Cine Ferreirense' fechou portas, ficou o desconsolo. Inconformado, Lé arranhou a sala do 2.º andar do Quartel dos Bombeiros, e não se poupou a esforços para ressuscitar o cinema. "Fiz uma tela com tubos e sacas de adubo. Depois, pintei-a de branco." Construída a estrutura, faltava o mais importante. "Pedia filmes emprestados a associações de Beja e depois exibia-os de borla", conta. Durante anos, todos os domingos, a partir das 16h00, Lé abria a janela mágica ao concelho. Tudo Grátis. Porque os sonhos e os verdadeiros prazeres não se pagam.

"Ainda hoje, o cinema me faz sonhar. Gostava que todos o sentissem assim".

Manuel Gomes,
62 anos.

Em 1989, inaugurava o cinema no Centro Cultural Manuel da Fonseca. O primeiro filme a encher a sala foi 'Amadeus', a história de Mozart. As sessões tinham lugar às Quintas-Feiras, Sábados e Domingos. "Mas teve de se trocar a Quinta pela Sexta, pois, os pais diziam que os moços não acordavam para ir à escola, no dia seguinte", lembra. O bilhete custava 100 escudos, e durante anos, esses três dias eram, quase sempre, casas cheias.

Para Lé, que se emociona quando vê os lugares esgotarem, está para aparecer outro filme como o Titanic, em 1997. Foram precisas fazer 17 sessões, duas vezes por dia, das 21h00 às 00h00 e das 00h30 às 5h00. Centenas de pessoas deslocavam-se ao Centro Cultural para assistir a uma das histórias mais comoventes de sempre. "Com cadeiras de lado, entravam cerca de 200 pessoas, e ainda assim, guerreavam à porta por bilhetes", recorda.

Porém, para Lé, o cenário do cinema em Ferreira é, hoje, um pouco mais cinzento. “ Fico muito triste, ao ver que as pessoas já não vêm tanto ao cinema”, lamenta. Conquistado pela nostalgia, recorda tempos em que todo o concelho se dirigia à vila para ver o novo filme. “ Se isto morre, é um bocadinho de mim que também se vai”, desabaфа. Um apelo sentido do eterno espectador, daquele que é capaz de se sentar sozinho, na fila da frente, para que a tela não feche sem público. “ Ainda hoje, o cinema me faz sonhar. Gostava que todos o sentissem assim”, concluí. ■



“TENHO MEDO É DOS VIVOS”

texto_ Marco Maurício

CARLOS BALICHA, COVEIRO, DESMISTIFICA A PROFISSÃO E CONTA COMO SÃO OS SEUS DIAS.

Para muitos, a ideia de um cemitério levanta sentimentos cinzentos, e lembra dias sombrios. Um arrepio sem nome sobe o corpo, sorve-se o medo num abanão, e por momentos, a imagem intrusiva do mármore frio, entre sussurros de enormes ciprestes, parece congelar toda a atenção. Contudo, se algumas pessoas nem conseguem passar perto de um cemitério, para outros, este é um espaço tranquilo e sem sobressaltos. Aliás, é um local de trabalho. Carlos Balicha tem 50 anos, e é coveiro, em Ferreira do Alentejo, há 27. Entre as lápides, os jazigos e as flores, diz sentir-se em casa, à vontade com o que o rodeia. “Isto é um trabalho como outro qualquer, precisa-se é ter mais ‘estômago’, explica.





Quando era criança, Balicha sonhava ser Policia. 'Proteger e Servir' seria o lema. No entanto, quis o destino que ficasse encarregue de garantir outro tipo de segurança – na segunda parte do ciclo da vida. Sim, segunda parte, pois, para este coveiro, a natureza humana pode ser resumida em duas fases: "Nascemos e morremos, como as plantas", diz. Uma simples filosofia que o ajuda a desempenhar funções.

"Quando aqui cheguei, vinha só experimentar, para ver se tinha coragem. Ora, no primeiro buraco que abri, para tirar umas ossadas, o meu peso e o peso da terra fizeram logo estalar a madeira podre do cachão. Porra, parecia que alguém me estava a puxar, até perdi o ar", revive Balicha.

No 'suspense' de cada dia, foi escavando a experiência de um ofício diferente. Hoje, encara conceitos como vida e morte com naturalidade. As suas palavras, cruas, não enrolam coisas simples e claras, como a hora de morrer. Carlos Balicha é

"Nascemos e morremos, como as plantas".

Carlos Balicha,
50 anos

coveiro há tanto tempo que, muita gente, já faz um trocadilho 'fatal' com o seu nome. " Volta e meia, no gozo, dizem-me que não tarda vêm ter comigo. Eu, aviso-os logo que tenho uma pá nova, à espera deles, e a conversa acaba ali", conta o coveiro, em tom de brincadeira.

Todos lhe perguntam como aguenta este trabalho. Como afasta as emoções em situações tão delicadas, como funerais. " São momentos tristes, onde as pessoas choram e gritam, mas eu não posso deixar tapar os cachões", esclarece. " Já enterrei amigos, gente que me viu crescer. E é claro que fico emocionado mas... tem de ser", desabafa.

"Já fiz o funeral a mais de mil pessoas, depois, só cá fica o símbolo da vida que acabou", considera. Não acredita em céu ou inferno e recusa qualquer história de terror. Caminha entre espíritos perdidos, que considera apenas memórias. "Não acredito em almas penadas, tenho medo é dos vivos", graceja.

Só o assusta ver, cada vez, menos espaço no cemitério. " Ninguém quer uma simples vala, só campas e jazigos. Para quê?! Vão todos para o mesmo sítio. As pessoas são vaidosas e querem luxo. É engraçado, aqui, ninguém fala em crise..." , comenta Balicha, o coveiro. ■

ANDRÉ “EL MAGO” MARTINS

texto_ Marco Maurício

JOVEM DE GASPARÕES, COM 23 ANOS, FAZ HISTÓRIA
NA MAIOR COMPETIÇÃO SUL-AMERICANA.

Nas ruas de Gasparões ainda estão gravados os primeiros passes e fintas de um sonho. Marcas desenhadas em troncos velhos e paredes meio gastas. Outras, escritas na terra batida e na calçada de cada beco, onde meia dúzia de miúdos pudesse brincar com uma bola.

É assim que começa a história de André Martins que, aos 23 anos, veste a camisa do campeão Bolívar, e tornou-se o primeiro português a disputar a mítica Taça dos Libertadores, a maior competição de futebol da América do Sul. Para quem perdeu de vista este ferreirense, importa sublinhar que, até aqui, André já passou pelas principais competições portuguesa, inglesa, búlgara, mexicana e venezuelana. Pelo caminho, deixou um rastro de sucesso, a cheirar a golo e fantasia. O seu talento valeu-lhe mesmo uma alcunha entre os adeptos: Martins ‘El Mago’.

Neste último Natal, o jogador voltou à terra, e todos quiseram ver aquele que contrariou o destino. “As pessoas nunca sa-

íram daqui, queriam saber do mundo, por mim”, conta o jovem. O silêncio de sua casa, e o orgulho da aldeia criaram um intervalo de reflexão que o fez recuar no tempo. “Ainda há pouco tempo brincava nestas ruas estreitas, e agora... estou no maior clube da Bolívia”, pensou Martins.

“Quando comecei a jogar futebol, só o podia fazer com os moços da aldeia. Construía balizas com paus de eucalipto e sacos de batatas. Passava horas de volta da bola”, relembra. Contudo, a poucos quilómetros de distância da sua casa, um novo mundo se abriria a este jovem. “Quando me convidaram para jogar no Ferreirense, vestir um equipamento e poder treinar num campo a sério significava muito para mim”, diz o atleta.

Rapidamente, o miúdo dos Gasparões começou a dar nas vistas. Era rápido. Era Ágil. Com a bola nos pés, era um ‘Senhor’ entre as linhas. O pelado do Estádio D. Diogo Passanha passou a ser o seu quintal onde, com o espírito destemi-



do de quem vê a vitória em cada lance, serpenteava pelos adversários até ao golo. Parecia fácil. "Foram tempos muito bons. Lembro que nunca ganhávamos a Beja, e quando isso aconteceu, fomos campeões", frisou Martins.

A sua genialidade não passou em branco, e foi mesmo um clube de Beja que o veio buscar ao Ferreirense. No segundo ano do escalão de infantis, já jogava no Despertar de Beja. No campeonato nacional dessa categoria, em 26 jogos, fez 23 golos. "Quando lá cheguei, diziam que fazia lembrar o Eusébio, que era um ponta de lança à antiga", conta o jogador.

Do Despertar saltou para o rival Desportivo de Beja. Entre as equipas, já crescia o interesse no jogador. Aos 17 anos, no seu primeiro ano de Juniores, vestia a camisola do Belenenses. No ano seguinte, chegava ao Naval 1º de Maio, onde assinava o seu primeiro contrato profissional. "Foi dos melhores momentos da minha vida, e apanhar o Manuel Cajuda foi muito importante na minha formação", confessa.

Mas, foi depois disto, que André Martins viveu um dos momentos mais altos da sua carreira. A sua qualidade passou fronteiras, e treinou no majestoso Bayern Munique, da Alemanha. "No balneário, lembro-me de entrar o Oliver Kahn. Imponente e sisudo. Pensei que me ia comer", reviveu o atleta, entre risos. "Era um puto da al-



deia no meio de estrelas mundiais, estava muito nervoso", admite. Ainda assim, a elite do futebol europeu e os mais de três mil adeptos que assistiam aos treinos, diariamente, não o assustaram. "Quando treinamos finalização, tive oportunidade de marcar golos ao Kahn, soube-me muito bem", admite.

Ainda na Europa, André Martins alinhou pelo Fulham, na equipa de jovens promissores. Acabou mesmo por ser chamado à equipa principal, mas uma proposta do Vidima Rakovski, da Bulgária, fê-lo abandonar Inglaterra mais cedo. "Parecia-me uma oportunidade importante, pois, era muito jovem e fazia-me falta jogar numa primeira divisão. Hoje, arrependo-me um bocado, porque a Bulgária é um país complicado, com um futebol difícil", justifica.

Mesmo assim, foi neste país que o apelidaram de mágico, pela primeira vez.. Como a alcunha já pertencia a Deco, o nome passou a soar em Francês. Nasceu, então, 'Le Magicien'. A velocidade

com que encarava o adversário e a dança da bola, de pé em pé, faziam de André um jogador imprevisível.

Decidido a mudar de rumo, uma nova proposta fê-lo atravessar o oceano, até ao México. Mais precisamente, até ao clube Jaguares. Aí, o seu 'nome de guerra' ganha um toque latino, e todos se encantam com André Martins, "El Mago". Em 17 jogos, fez 10 golos. "Adorei jogar no México, é um futebol com muita qualidade", afirma.

Na América do Sul, não foi apenas a fama desportiva que o jovem dos Gasparões alcançou. Vive, actualmente, com um modelo mexicana, chamada Sandra Arcos.

Em pouco tempo, surgia nova possibilidade de voltar ao futebol europeu. O Panathinaikos da Grécia quis comprar o jogador, mas o Jaguares não quis realizar a transferência.

Fechada a 'porta do Olimpo', abria-se outra, na terra de Hugo Chavez. O Caracas FC, da Venezuela, seria a nova casa do jovem alentejano. Perante a enorme comunidade lusa no país, durante dias, todos os meios de comunicação sintonizaram o seu nome. Em espanhol, ecoavam elogios ao ferreirense. "Não é habitual um português jogar futebol na Venezuela, e como me davam muita atenção, havia quem me achasse uma espécie de Cristiano Ronaldo", explica.

"Quando comecei a jogar futebol, só o podia fazer com os moços da aldeia. Construía balizas com paus de eucalipto e sacos de batatas. Passava horas de volta da bola"

André Martins,
23 anos.

Com a camisola do Caracas, André Martins venceu a Taça da Venezuela. O título seria impulsionador de mais uma transferência. "O Bolívar entrou em contacto com o Caracas e, felizmente, foi possível chegar a um acordo para a minha contratação. É um grande clube, não podia recusar", afirma.

Aqui, 'El Mago' entrou para a história do futebol mundial, tornando-se o primeiro jogador português a disputar a lendária Taça dos Libertadores (uma espécie de Liga dos Campeões sul-americana). Nesse momento, onde o sonho se torna imortal, as palavras ficam pequenas demais para legendar um sentimento singular. "Significa muito para mim, saber que todos os sacrifícios valerem a pena", garante.

A direcção do Bolívar diz considerar André Martins uma pedra chave na equipa. Aí, todos os jogos, milhares de vozes gritam o seu nome, na acústica avassaladora do estádio. "Ale Martins, Ale 'El Mago'", ouve-se. "Na Bolívia, sou um daqueles tipos que só estava habituado a ver na televisão. E sei que vai chegar a minha hora em Portugal", conclui. ■

ADOLESCENTES SOBRE RODAS

texto_ Marco Maurício

SKATE PARK GANHA, CADA VEZ, MAIS ADEPTOS
NO CONCELHO DE FERREIRA DO ALENTEJO.

Os futebolistas, músicos e manequins que se cuidem, pois, entre as novas gerações de adolescentes, vão deixar de ser os grupos da moda. Digamos que, o Cristiano Ronaldo corre o risco de ser substituído pelo Tony Hawk (um dos mais emblemáticos skaters do mundo). A tendência do skate tem-se verificado a nível internacional e, no nosso concelho, já se vêem manobras radicais, por toda a parte.

Com o skate park a ganhar cada vez mais adeptos, o skate, os patins e as bmx trouxeram consigo toda uma cultura diferente. E, se a técnica conta, o estilo também tem a sua importância. Calças muito largas ou muito justas, gorros, lenços, caveiras e correntes. Isto, tudo em preto, cria o 'look' inconfundível que vai decorando o concelho.

Agora, para quem se prende à imagem dos habituais 'bad boys', terá uma surpresa ao saber que as meninas também já trocam as bonecas e as primeiras maquilhagens pela emoção de descer uma rampa sobre uma tábua com rodas.

É o caso de Ana Ameixa, 13 anos, de Ferreira do Alentejo. "Tudo começou com o meu primeiro ídolo, a Avril Lavigne, skater, cantora e guitarrista", explica. Não hesitou em pedir um skate aos pais e, em pouco tempo, já ocupava a maior parte do seu tempo a rolar pela vila. "Os meus pais não achavam muita graça, mas não se importaram", acrescenta Ana. Inde-

"Sei que é muito difícil, mas gostava muito de vir a ser profissional no skate, não vou desistir".

Ana Ameixa,
13 anos

pendentemente disso, é claro que, como todo o pai zeloso, sempre que a jovem saía de casa, com skate debaixo do braço, a voz de fundo surgia imediatamente: “Tem cuidado, não partas para aí um braço”, diziam os pais.

Mas, não foi só Ana Ameixa que trocou o sapatinho de cristal pelas sapatilhas desapertadas, ou a música de embalar pelo rock'n roll. De tanto insistir, a jovem contagiou grande parte do seu grupo de amigas e, hoje, todas elas têm o seu próprio skate. Sempre que podem, saem como mosqueteiras sobre rodas, e deslizam pelas ruas onde, outrora, brincavam às escondidas.

Ainda assim, as jovens nem sempre podem praticar sem serem incomodadas. “Há quem passe por nós, e nos diga para irmos para casa, que o skate não é para raparigas. É triste”, diz Ana Ameixa. Segundo a jovem, o mundo do skate também é um círculo bem definido, onde, os melhores, mais velhos e, sobretudo, do sexo masculino, gostam de ditar sentenças. “Os rapazes mandam-nos bocas, e gozam sempre que caímos ou falhamos uma manobra”, descreve a pequena.

Como o skate park de Ferreira do Alentejo é um local muito procurado, pelos praticantes deste desporto, nem sempre as jovens se sentem à vontade perto dos ‘profissionais’. Preferem, sim, as travessas que são só suas, longe de buzinas e olhares que consideram “atrasados”. “Só

podemos treinar sem ninguém nos chatear, quando não está ninguém nas rampas”, desabafa.

Nada mais que pormenores. Para as jovens de Ferreira, as críticas não abalam a vontade de praticar este desporto. “Ninguém nos deita abaixo, temos todo o direito de andar de skate ou fazer outra coisa qualquer”, afirma Ana Ameixa. A jovem vai mais longe: “Sei que é difícil, mas gostava muito de vir a ser profissional no skate, não vou desistir”. Todos os dias, percorre a internet como uma bíblia, à procura de um novo movimento ou uma dica para melhorar a sua destreza. Porta fora, com auscultadores nos ouvidos e o som no máximo, o rock & roll cria a banda sonora de quem quer ser diferente, original e livre. ■



“CORRO COM A VIDA ÀS COSTAS”

texto_ Marco Maurício

DIONÍSIO VENTURA DESPE A ALMA, E CONTA OS SEUS SACRIFÍCIOS PARA CONTINUAR A COMPETIR.

“N

ão é fácil chegar a casa, pedir qualquer coisa, e nunca haver dinheiro para nada. Precisei trabalhar no duro, desde muito novo, e isso, deu-me resistência para aguentar muita coisa. Se, enquanto atleta, tenho alguma vantagem, é a vantagem da vida”. Este é o desabafo de Dionísio Ventura, calceteiro de 30 anos que, entre doze horas de trabalho, por dia, ainda corre pelo sonho da sua vida: chegar à competição mundial de marcha, nos próximos Jogos Olímpicos (Londres 2012). Isto, quando, no passado mês de Fevereiro, em Olhão, revalidou o título de Campeão Nacional de Marcha, na prova de 50 quilómetros.



“Cansei-me de ouvir o ‘não há’ dos meus pais, e fiz-me logo à vida, queria ter as minhas coisas”.

Dionísio Ventura,
30 anos

Criado com mais cinco irmãos, numa família humilde, Dionísio conta uma vida ferida pela realidade de quem não tem muitas escolhas. No fundo dos seus olhos, um mundo a preto e branco mostra os dias que nunca trouxeram um amanhã mais fácil. “Cansei-me de ouvir o ‘não há’ dos meus pais, e fiz-me à logo à vida, queria ter as minhas coisas”, recorda o jovem.

Mas, se o trabalho o ajudou a crescer, foi o desporto que inspirou uma vida diferente. No atletismo, Dionísio encontrou um caminho que podia ser escrito outra forma. “Todos os pais vêem os seus filhos como jogadores de futebol, mas o atletismo era mais acessível, só precisava de umas sapatilhas velhas e estrada para correr”, explica. Não interessava a pista ou quem corria ao seu lado. A felicidade de Dionísio começava a medir-se pelos quilómetros percorridos, pelas metas que cortava em primeiro lugar. “Ainda hoje, sempre que corro, a cada passo, levo as minhas lágrimas e as minhas vitórias na cabeça”, confessa.

No Juventude Desportiva das Neves encontrou a sua primeira equipa. “Deram-me a mão e acreditaram em mim. O professor Silveira foi muito importante, nessa fase”, conta o atleta. Com um sorriso envergonhado, Dionísio traz à memória “as primeiras sapatilhas de marca, que foram dadas pelo treinador”, admite.

Foi pois, em 1998, no Campeonato Nacional da Maia, que o talento de Dionísio surpreendeu tudo e todos. “Quando terminei a prova vieram dar-me os parabéns, pois, tinha conseguido os tempos mínimos para entrar na alta competição”, relembra. Naquele momento, sem saber, entrou para a selecção nacional de juniores, e a partir daí, a sua carreira disparou. No ano seguinte, novo triunfo: “consegui os mínimos para o Campeonato Mundial de Juniores”, revive.

Porém, o que se passou depois disso, permanece, ainda hoje, um mistério para o atleta. Alcançados os tempos mínimos para o mundial, foi-lhe pedido que os confirmasse numa outra prova. Sem perceber porquê, mas motivado, Dionísio não só confirmou como melhorou o seu tempo. Mas, de repente, aos festejos, ganhava espaço a tristeza e injustiça. “Eu não sei quem ganhou nem quem perdeu. Os juizes decidiram entre eles, na secretaria, e levaram um colega meu ao

Mundial, que tinha ficado em 5.º lugar”, esclarece o atleta. A desilusão do corredor intensificou-se ainda mais, quando os resultados do Mundial de Marcha chegaram a Portugal. O rapaz, que foi no seu lugar, tinha sido desclassificado, e o corredor que arrecadou a medalha de ouro registou, apenas, menos um segundo que Dionísio, no nacional. Para a história, fica a incerteza do que poderia ter acontecido, se fosse o ferreirense a correr nessa prova.

Estávamos em 1999, mas a mágoa...a mágoa Dionísio carrega-a até hoje. Depois deste episódio, que o atleta considera o mais infeliz de toda a sua carreira, só em 2001 o voltaríamos a ver marchar. E foi nessa altura, que Dionísio passou a correr pelo CIAIA – Açores, e se atirou para a prova que mais o tem distinguido, os 50 quilómetros. “Aquela que me tinha trazido melhores resultados”, explica.

Desde aí, a sua estante parece ter encolhido, perante todos os títulos nacionais e internacionais que já arrecadou.

Recentemente, com a ajuda da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, voltou a casa e, agora, é a bandeira da Ferreira Activa que Dionísio transporta nas competições. “Há muito tempo que queria correr pela minha terra”, confessa. Recorde-se que, foi com esta camisola que o atleta venceu o último Campeonato Nacional de Marcha, que se realizou em Olhão.

Entretanto, na equipa de Ferreira do Alentejo, o atleta vê aproximar-se mais uma fase, em que é o tudo ou nada para alcançar o sonho olímpico. Corre cerca de 150 quilómetros, por semana, mas diz que não chega. “Preciso trabalhar, então, não me posso dedicar só aos treinos”, diz o corredor, acrescentando que “os outros’, cor-



“Um dia, gostava de poder treinar a tempo inteiro, saber até onde poderia chegar. Infelizmente, não consigo viver da marcha, não dá, é assim o destino...”

Dionísio Ventura,
30 anos

Mas, não é o cansaço que desmotiva o atleta. É, sim, o factor financeiro. "Trabalho meses para poder sustentar os estágios e as viagens, e nem sempre isso compensa", explica. Um investimento que, no caso de não conseguir os tempos desejados, pode fazê-lo perder o rendimento de muitas horas de esforço. "Sinto que corro com a vida costas, mas tenho de esquecer e dar o meu melhor", acredita o jovem.

Até se qualificar para os Jogos Olímpicos, Dionísio deixa a promessa. "Não vou ficar rico com este desporto. Aliás, perco mais do que ganho. De qualquer forma, não vou desistir. Faça chuva ou sol, vou treinar para não falhar", conclui. ■

rem pelo menos 100 quilómetros a mais, e isso, numa prova a sério, nota-se".

Seria preciso esticar o dia, para Dionísio conseguir fazer tudo o que ambiciona. Mesmo assim, nada que a vontade e o sacrifício não superem. "Acordo às 4h30, para ir treinar, volto, tomo banho e vou trabalhar. Muitas vezes, até às 19h00. Tem de ser", explica o atleta. Se muitos se impressionam com o seu esforço, Dionísio consola-se em palavras salgadas, palavras frias e pesadas, que justificam o que não é culpa sua. "Um dia, gostava de poder treinar a tempo inteiro, saber até onde poderia chegar. Infelizmente, não consigo viver da marcha, não dá, é assim o destino...", lamenta.

Nas competições, em convívio com outras selecções, Dionísio é um atleta muito acarinhado. Não só pelos seus feitos, na marcha, mas pela sua coragem e perseverança, face a todas as dificuldades que, em pista, mais ninguém tem. "Na última taça da Europa, eu era o único que trabalhava, ainda mais, com a profissão de calceteiro", frisou.

"Na última taça da Europa eu era o único que trabalhava, ainda mais, com a profissão de calceteiro".

Dionísio Ventura,
30 anos



“TROQUEI AS CEARAS PELO MAR”

texto_ Manuela Pina

NUNO AIRES, FERREIRENSE, É O ACTUAL PRESIDENTE
DA REGIÃO DE TURISMO DO ALGARVE

Nasceu e viveu em Ferreira do Alentejo até aos 12 anos de idade, hoje, preside à Entidade de Turismo do Algarve, o maior destino turístico do país. Nuno Aires é mais um exemplo de um Ferreirense a dar cartas além fronteiras.

De Ferreira do Alentejo, onde volta sempre que pode, levou as recordações de infân-

cia, dos primeiros amigos, dos primeiros anos de escola. “Costumo dizer aos meus amigos que a infância vivida como eu vivi, em contacto com a terra e com a natureza, sem limites, deu-me outra perspectiva de espaço, que acabou por ter um peso importante mais tarde”, refere.

Nuno Aires conta que aos 12 anos de idade, quando teve que sair de Ferreira, para acompanhar os pais que foram trabalhar para o Algarve, foi forçado a readaptar-se a uma nova região, e até a uma diferente organização social. Confessa que, no início, o processo não foi fácil, salientando o facto do povo algarvio ser, numa primeira fase, mais difícil que o alentejano. Ainda assim, a integração e os amigos acabaram por ir surgindo, com o passar do tempo. “Acabei por substituir a imensidão das cearas do Alentejo pela imensidão do mar do Algarve, mas mantive a perspectiva do horizonte, de olhar sem barreiras”, afirma.



PERCURSO PROFISSIONAL

Nuno Aires começou a sua actividade ligado à área da comunicação social, fez rádio e jornalismo escrito, tendo-se formado, mais tarde, em Comunicação Social em Lisboa. Ao terminar a licenciatura, regressou a Faro onde deu aulas na Universidade, sempre na área da Comunicação Social. Teve ainda algumas experiências no sector da administração pública, mais concretamente, na Câmara Municipal de Faro e, posteriormente, na Comissão de Coordenação da Região do Algarve. Entretanto, a actividade não fica por aqui, Nuno Aires formou uma empresa na área da comunicação que, ainda hoje, detém um jornal on line: "Observatório do Algarve".

O turismo surge há cerca de três anos, com um convite para presidir à Região de Turismo do Algarve. "Foi, e continua a ser, um desafio e uma responsabilidade muito grande, já que estamos a falar do maior destino turístico do país", afirma o Ferreirense.

Hoje os dias são, maioritariamente, ocupados no trabalho complexo que passa por dar atenção à dinâmica internacional, porque a maior concorrência desta região é internacional, e é preciso existir uma preocupação em melhorar a oferta. Mais recentemente, Nuno Aires preside à Associação Nacional de Entidades Regionais de Turismo, criada recentemente após a reestruturação no sector. Aqui Nuno Aires tem um papel de pivot, entre a Associação e o governo.

Quando olha para o Alentejo, Nuno Aires não tem dúvidas ao afirmar que "o Alentejo tem um potencial enorme e gente muito boa, e é sobretudo a gente que importa. O Alentejo tem grandes desafios pela frente, em termos de afirmação na área do turismo mas, por outro lado, tem também uma grande oportunidade, visto as pessoas procurarem, cada vez mais, o contacto com a natureza, com a génese e com as raízes - e isso, o Alentejo tem para oferecer. É um território com autenticidade e pessoas que sabem receber", conclui. ■

"O Alentejo tem um potencial enorme e gente muito boa, e é sobretudo a gente que importa."

Nuno Aires,
Presidente da Região de Turismo do Algarve,
38 anos

POSTO DE COMANDO... DO POVO

texto_ Manuela Pina

SAIBA COMO SE VIVEU O 25 DE ABRIL DE 1974, EM FERREIRA DO ALENTEJO.

"Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas".

Esta é provavelmente uma das frases mais escritas e ouvidas por altura da comemoração da revolução dos cravos.

Desde há 36 anos que, por esta altura, se repetem, um pouco por todo o país, as festas, espectáculos, actividades desportivas e culturais com o objectivo de assinalar a data que marcou a história da democracia, em Portugal. É também nesta altura que muitos recordam os episódios, falam de sentimentos, de emoções vividas na madrugada de 25



de Abril de 1974 e nos dias que se seguiram à noite da revolução. As imagens transportam, regra geral, para o palco principal da revolução, mas... como foi vivido este período em Ferreira do Alentejo? O que sentiram aqueles que, neste concelho do Baixo Alentejo participaram activamente na revolução dos cravos? O que aconteceu nos primeiros anos de administração autárquica? Foi isso que a Revista de Ferreira foi tentar saber, junto de quem se envolveu directamente na vida política e social, antes e depois do 25 de Abril.

Às 4.20h da madrugada de 25 de Abril foi difundido através da rádio o primeiro comunicado do Movimento das Forças Armadas:

"Aqui Posto de Comando do Movimento das Forças Armadas.

As Forças Armadas Portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos, sinceramente, que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal, para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas, no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as Forças Armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais, que enlutarão e criarão divisões entre os portu-

"Quando aqui chegámos o serviço de transporte era pouco mais do que um Dumper, uma burra e um carro".

Francisco Palma Lopes

"Na altura da revolução estava em Sines onde dava aulas de Educação Física. Foi agradável, e ficamos todos na expectativa em relação ao que iria acontecer mas a verdade é que pensei que o 25 de Abril trouxesse uma evolução maior".

Luís Silva

gueses, o que há que evitar a todo o custo. Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica, esperando a sua acorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração que se deseja, sinceramente, desnecessária."

Em Ferreira do Alentejo a mensagem, que chegou às primeiras horas da manhã, deixou na população um misto de euforia e dúvida. As pessoas eram aconselhadas a ficar em casa, e os que tinham oportunidade, seguiam atentamente, primeiro através da rádio e depois também da televisão todas as informações, que ao longo do dia iam dando conta do evoluir da situação.





Depois das certezas, seguiram-se as manifestações de apoio, de reivindicação, e as alterações dos protagonistas no cenário da governação.

“Por viver uma situação muito própria, em que os movimentos de esquerda tinham alguma influência, o 25 de Abril foi sentido, no Alentejo, de uma forma muito especial”, conta Francisco Palma Lopes. Advogado de profissão, Palma Lopes foi o Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo, o primeiro grupo de pessoas eleito, ainda de forma rudimentar, para gerir os destinos do Município.

O autarca, que hoje assume a função de Presidente da Assembleia Municipal de Ferreira do Alentejo, lembrou o clima de euforia e entusiasmo inicial, e reviveu o período entre 74 e 76, “Foi uma fase muito bonita e poética, mas em que também foram cometidos alguns erros naturais do crescimento”, confessa. Palma Lopes recorda que, na altura pós 25 de Abril, se “faziam manifestações por tudo e nada, e o clima de alegria era contagiante. Os problemas vieram depois, até porque, na verdade, existia um vazio legislativo muito grande”, diz. A comissão administrativa de 74, tinha para se regular, pouco mais do que uma legislação do antigo regime. Na grande maioria das localidades do concelho, não existia água,

“Quando se deu o 25 de Abril eu estava com a minha família na Alemanha. Soube através da família que cá estava que tinha acabado a ditadura em Portugal e em Junho desse ano decidi voltar para cá”.

Francisco Filhó

“O pior foi ter que fazer de juiz, sem perceber nada de Direito”.

José Luís Ameixa

luz, esgotos e comunicações. “Foi necessário resolver todas essas questões, mas faltava sempre qualquer coisa importante, os apoios administrativos, os financeiros e até mesmo técnicos, sendo que muitas vezes tínhamos que improvisar. Só para que se tenha uma pequena ideia daquilo que era a Câmara Municipal em 74, o serviço de transportes, por exemplo, era um dumper, uma burra e um carro”, recorda. Estas memórias são partilhadas por Augusto Caetano, professor do ensino Básico. Um Bejense que faz de Ferreira do Alentejo a sua terra, desde 1971. Conta o docente, que só soube que alguma coisa estava a acontecer na manhã do dia 25, quando se fez ao caminho com destino a Figueira dos Cavaleiros, para mais um dia de aulas. “Quando cheguei à Igreja de Nossa Senhora, um polícia mandou-me parar e perguntou o que estava ali a fazer”, revive. Depois de explicar ao agente que se dirigia para Figueira dos Cavaleiros, foi aconselhado a regressar a casa, com a justificação de que algo se estava a passar em Lisboa. Em casa, tentou perceber o que se passava, apesar das “primeiras informações serem muito pouco precisas”, acrescenta.

Confirmada a revolução, surgiram as primeiras movimentações “lembro-me que o Doutor Costa, que já tinha sido candidato da oposição, eu e muitos outros, que não estavam de acordo com o regime, organizamos, logo no dia 26, uma manifestação de apoio ao Movimento das Forças Arma-

das. Colocámos uma roulotte e uma aparelhagem, no antigo largo da feira (onde hoje está instalado o Centro de Saúde), e as declarações começaram com o Sr. Guibarra, que subiu ao palco improvisado, com uma rolha na boca. Antes de iniciar o discurso, atirou fora a rolha, como forma simbólica de demonstrar que a liberdade de expressão era agora uma realidade”, relata o professor.

Augusto Caetano integrou a Comissão Administrativa, presidida por Palma Lopes, e recorda que “uma das primeiras decisões tomadas foi lançar um comunicado de apoio ao MFA”.

A fragilidade financeira, estrutural e legislativa foi uma das principais dores de cabeça para os novos «comandantes» num novo

“Eu trabalhava em casa com uma máquina de malhas. Foi graças ao 25 de Abril e ao Dr. Aníbal Costa que consegui ter um emprego.

Soube da revolução através de um rádio pequenino, que tinha em casa. Quando ouvi o comunicado e depois as músicas, sai à rua fui ao Fomento Mineiro onde estava muita gente a cantar o Grândola Vila Morena. Foi emocionante.”

Mariana Serra

"Quando soube da revolução fiquei contente porque deram a libertação a tanta gente que estava presa. Nesse tempo nós nem sabíamos o que se passava por aí. Só depois do 25 de Abril é que a gente começou a despertar".

Noémia Narciso

regime. "O lixo, por exemplo, era recolhido porta a porta, com um tractor e uma roulotte", explica Augusto Caetano para dar uma imagem do que era o concelho há apenas 36 anos atrás.

Com todas as dificuldades e obstáculos, apesar da inexperiência, o trabalho de dois anos da Comissão foi crucial para possibilitar um dos momentos mais marcantes do pós 25 de Abril: as primeiras eleições autárquicas livres, que juntaram milhares de pessoas nas mesas de voto espalhadas pela vila.

No 12 de Dezembro de 1976, os ferreirenses elegeram José Luís Ameixa, como primeiro presidente da Câmara Municipal.

Apesar da sua participação activa na vida política e associativa, José Luís Ameixa recebeu com surpresa, não só o convite para encabeçar uma lista à autarquia, como a sua vitória.

A 3 de Janeiro tomou posse, iniciando um percurso que só iria chegar ao fim em Dezembro de 1982. O ex-autarca salienta a importância do trabalho deixado pela comissão administrativa, para o início do mandato. "No primeiro mandato tentámos aprender o que era a estrutura da Câmara, o seu funcionamento. Aproveitámos o bom trabalho iniciado pela comissão, e demos-lhe a nossa marca. Acabámos também, ao longo dos seis anos que liderámos o Município, por solidificar a estrutura e contribuir para a melhoria das condições de vida de muitas pessoas", refere.

José Luís Ameixa aponta, hoje, em jeito de graça, que um dos seus piores momentos de autarca foi ter que fazer de Juiz, sem ter qualquer tipo de preparação para o cargo. "Devido à lei do código administrativo, o presidente da câmara era um dos substitutos do Juiz, e a certa altura, fui «intimado» a assumir as funções que foram, para mim, as mais complicadas. Imagine-se, um autarca a decidir o futuro de um réu, preso preventivamente. Foi muito difícil", confessa.



"25 de Abril foi bom porque nos trouxe liberdade. Lembro-me que nesse dia quando soube que qualquer coisa se passava, fiquei com um pouco de medo mas depois senti um alívio quando vi que tinha chegado a liberdade".

Manuel Calado



Ao olhar para trás, José Luís Ameixa não tem dúvidas que a sua gestão deixou marcas em Ferreira. “Os terrenos, onde hoje estão o Parque da Fonte Nova e o Estádio Municipal, foram comprados por mim, e apesar de, na altura em que os adquiri, não me passasse pela cabeça que iriam ser utilizados desta forma, hoje não tenho dúvidas que foi a melhor política.”

Em todos os anos do seu mandato, fez questão de assinalar o dia 25 de Abril com a inauguração de uma obra no concelho. Depois de dois mandatos, as divergências com o PCP, partido pelo qual tinha sido eleito, acabaram por levar José Luís Ameixa a abandonar, por alguns anos, a vida autárquica, tendo regressado mais tarde, e sido eleito como vereador pelo PS.

Nos dias de hoje, os três protagonistas desta nossa história, apesar de reformados continuam a participar activamente na vida política, social, económica e cultural do concelho de Ferreira do Alentejo.

Desde há 36 anos ou 432 meses ou ainda 1872 semanas, que não só estes, como outros protagonistas de muitos episódios do quotidiano, desta vila do Baixo Alente-

jo, vivem na certeza de terem a liberdade de poder contar as histórias, participar directamente no desenvolvimento e na construção do futuro do concelho. ■

“No dia 25 de Abril, estava no Monte da Carapinha mondando girassol e quando fui com outra camarada buscar água, encontrámos uma velhota que nos perguntou se sabíamos o que estava a acontecer. Nós não fazíamos ideia do que se passava, só quando cheguei a Ferreira é que o meu marido, que estava em casa, me contou o que tinha acontecido. Logo, logo tive medo e pensei que ia acabar o mundo”.

Mariana Bibe

FERREIRA, 40 ANOS ÁTRÁS

texto_ Augusto Caetano

EMBARQUE NUMA VIAGEM NO TEMPO, QUE MOSTRA A TRANSFORMAÇÃO DA VILA, DESDE OS ANOS 70

"Ferreira do Alentejo
Tens uma áreas tão boas
Tens um lindo entroncamento
Algarve, Beja, Lisboa."

Assim se cantava a moda há quarenta anos.

De facto, Ferreira do Alentejo ficava numa encruzilhada de estradas. Só que, nesses distantes anos setenta, não havia variante, e todo trânsito que se dirigia de Lisboa para Beja ou de Beja para Sines passava pelo interior da vila. Como ainda não se tinham inventado as rotundas, foram muitos os acidentes que ocorreram naqueles cruzamentos. Refira-se que a estrada de Lisboa passava mesmo junto à porta da Igreja de Nossa Senhora e, em tardes de futebol, os espectadores que vinham do Campo D.Diogo Passanha se misturavam com os veículos, no mesmo itinerário.

Hoje, Ferreira é uma vila muito diferente. Mudou muito ao longo dos últimos trinta anos. Mudou tanto que os ferreirenses das

Avenida General Humberto Delgado. Vê-se a Capela do Calvário e junto a parte superior do posto de Polícia de Viação e Trânsito.



duas últimas gerações devem ter alguma dificuldade em perceber como era a vida dos seus pais, se comparada com a sua. Para mais facilmente nos localizarmos, vamos estabelecer o ano de 1974 como marco histórico, a partir do qual se iniciou uma nova era na vida do concelho.

SAÚDE

No ano em que acontece o “25 de Abril” ainda não há Centro de Saúde, e a assistência médica é feita pelos médicos particulares ou pela Caixa de Previdência, cujos clínicos atendiam em consultórios localizados na Casa do Povo. Os casos de urgência e os internamentos eram encaminhados para o “Hospital”, que estava localizado no edifício contíguo à Igreja da Misericórdia. O espaço dispunha de uma sala de tratamentos no rés-do-chão e duas enfermarias no 1º andar. Mais tarde, este edifício seria adaptado a “lar” de 3ª idade. Os doentes da tuberculose recebiam cuidados médicos no Dispensário local, hoje ocupado pela Associação dos Reformados.

As escolas primárias recebiam anualmente a visita de técnicos da Delegação de Saúde, que procediam à vacinação das crianças.

HIGIENE E SANEAMENTO

No concelho apenas Ferreira dispunha de água canalizada e esgotos, mas não em todas as zonas. Das outras localidades, apenas Alfundão recebera obras de saneamento básico, mas à data a que nos reportamos não estavam concluídas.

O lixo doméstico era recolhido porta a porta, por um tractor com uma roulotte destapada.

A limpeza das ruas estava a cargo de um varredor, que conduzia uma pequena carroça puxada por um burro.

EDUCAÇÃO

O ensino era ministrado em três estabelecimentos: a Escola Primária com doze turmas de cerca de 25 alunos cada; o Ciclo Preparatório Telescola (actual 5º e 6º anos), que funcionava num edifício particular próximo da estação dos Correios; e o Colégio Nuno Álvares, que leccionava o 2º ciclo dos liceus. Simultaneamente, havia alunos de vários escalões etários, principalmente os do 3º ciclo, que frequentavam estabelecimentos de Beja.

O Ciclo Preparatório directo só arrancaria mais tarde, em instalações pré fabricadas, no mesmo local onde hoje existe a Escola C+S.

A Cantina Escolar, que funcionava com base em donativos e iniciativas dos professores, fornecia refeições aos mais necessitados, e também aos que se deslocavam dos montes para frequentarem a escola.

Rotunda junto ao Parque de Desportos.



ECONOMIA

Duma forma geral, os rendimentos das famílias era baixo. Homens e mulheres trabalhavam sazonalmente na agricultura, cujos salários eram diminutos, sem garantia de estabilidade nem subsídio de desemprego. Os trabalhadores rurais tinham acedido, recentemente, a alguns benefícios da Segurança Social, o que motivou a visita ao concelho do professor Marcelo Caetano, Presidente do Conselho de Ministros da altura.

Ao mesmo tempo que a agricultura tradicional enfrentava dificuldades, certas zonas do concelho, beneficiando das obras do Regadio, conheciam alguma prosperidade através das culturas regadas, nomeadamente o tomate. Junto à aldeia de Fortes, existia uma fábrica de concentrado de tomate que, na época alta, empregava várias centenas de pessoas. Até jovens estudantes beneficiavam da possibilidade de trabalharem temporariamente na fábrica, contribuindo assim para o orçamento familiar.

Uma vez que a indústria não tinha expressão, era a agricultura que pontificava como principal motor do comércio local. Logo, tanto os maus como os bons anos agrícolas se reflectiam na actividade do comércio.

A Feira de Setembro era o acontecimento mais importante do ano, quer comercialmente quer socialmente.

Um sector económico que mantinha uma certa rentabilidade era a hotelaria, principalmente os estabelecimentos junto da estação de camionagem EVA. Na época, o transporte colectivo de passageiros de Lisboa para Beja ou para o Algarve fazia escala em Ferreira, onde diariamente centenas de pessoas tomavam refeições. Acrescente-se que, junto à estação, existia a Estalagem EVA que era, provavelmente, a mais categorizada estrutura hoteleira do distrito de Beja.



Local onde foi contruída a piscina descoberta.

URBANISMO

Uma das primeiras medidas que a Comissão Administrativa da Câmara tomou após a posse foi acabar com o "bairro da lata", conjunto de barracas sem condições de habitabilidade, onde coexistiam pessoas e animais, e em que as precárias condições higiénicas faziam perigar a saúde dos habitantes. A autarquia cedeu os recursos disponíveis, juntaram-se donativos de particulares, e com o trabalho dos próprios moradores, foi possível transformar as barracas em casas.

Nos anos seguintes, programas de construção de habitação social fizeram nascer os bairros que hoje designamos por "25 de Abril" e "5 de Março".

É também desta altura a conclusão do quartel dos Bombeiros Voluntários,

e o início da construção do Mercado Municipal, que viria a revelar-se um projecto falhado. Vale a pena contar a sua história. Ferreira tinha um mercado muito bem abastecido, e muito frequentado no local onde hoje existe o Centro Cultural Manuel da Fonseca. No entanto, as instalações já eram insuficientes, e necessitavam de obras de conservação. Ao chegar à Câmara, a Comissão Administrativa tomou conhecimento de um projecto para o novo mercado, a ser construído no exacto local do antigo. Com muitos problemas para resolver e poucos recursos financeiros, os novos autarcas deliberaram cancelar a construção do mercado, utilizar a verba nas reparações do antigo, e acorrer a outras obras com mais prioridade. Só que as instâncias superiores se opuseram à decisão, e ameaçaram congelar a verba se a obra não fosse feita. Em desespero de causa, o executivo municipal voltou atrás com a decisão, mas pediu para que o novo mercado fosse edificado noutra local, no que foi atendido. O mesmo já não aconteceu quanto à orientação do edifício, que teve de ser a do projecto inicial. O resto da história pode ser adivinhada através de uma visita ao local.

DESPORTO CULTURA E LAZER

Na época a que nos reportamos, os desportos com maior número de praticantes eram a caça e a pesca. O futebol era o único desporto colectivo praticado, e tinha no Sporting Clube Ferreirense o seu principal representante, com equipas nas diversas categorias. As instalações desportivas limitavam-se ao Campo de Jogos D. Diogo Passanha, cuja vedação era um monte de terra, onde cresciam ervas. Só depois do 25 de Abril, aquele recinto ganhou uma vedação digna desse nome.

O folclore e etnografia regionais tinham grande relevo, com grupos em muitas das freguesias. O êxito alcançado pelos "Trabalhadores de Ferreira" no festival internacional de Zagreb era também motivo de grande orgulho dos ferreirenses.

Estrada de Lisboa, junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição.



Havia uma pequena biblioteca, no local onde hoje é a Associação de Caça e Pesca e uma sala de cinema, o "Cine Ferreirense", que passava uma programação típica da época. Bailes e outros eventos realizavam-se no salão da Casa do Povo. As crianças brincavam muito nas ruas, largos e na Praça, nas noites de Verão, quando as famílias saíam para conviver. O futebol jogava-se no largo da feira ou no recreio da escola. A barragem da Quinta de S. Vicente era o local onde os adolescentes pescavam e nadavam.

"O ano de 1974 é considerado um marco histórico, a partir do qual se iniciou uma nova era na vida do concelho".

Primeiro recinto polidesportivo na Escola Primária de Ferreira do Alentejo.



Adolescentes na Barragem de Quinta de São Vicente.

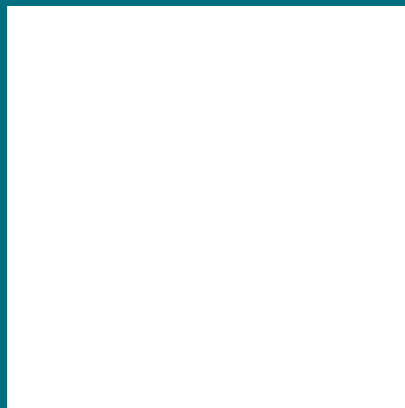


A enumeração que acima se faz não pretende ser exaustiva, visa apenas dar a conhecer aos mais novos algumas das limitações com que a população vivia.

Hoje todo o concelho está coberto com saneamento básico, recolha de lixo, centros culturais, recintos polidesportivos, postos médicos, centros de dia, lares, ensino infantil, transportes escolares e, na sede, piscinas coberta e ao ar livre, pavilhão de desportos, estádio relvado, campos de ténis, parque de skate, jardim público, museu e biblioteca.

Se acrescentarmos a isto a recuperação e valorização do património histórico teremos uma noção aproximada do contraste existente entre a actual Ferreira do Alentejo e a outra que conhecemos há quarenta anos. ■

“Hoje, Ferreira é uma vila muito diferente. Mudou tanto que os ferreirenses das duas últimas gerações têm dificuldade em perceber como era a vida dos seus pais, se comparada com a sua”.



BANHO DA PORCA

MANUEL FRAGOSO, DE 89 ANOS, CONTA UMA DAS HISTÓRIAS MAIS EMBLEMÁTICAS DO CONCELHO.



No rosto de Manuel Fragoso ainda se lêem histórias de um outro Alentejo. As rugas contam dias esquecidos por todos, e os olhos escondem imagens que nenhum retrato aprisionou. Este homem tem 89 anos, e conhece a história de Odivelas como a de sua vida. No baú das recordações, este ancião rural descobre o passado do concelho, e lembra um dos eventos anuais que mais gente movimentava, antigamente: o banho de 29, também conhecido por banho da porca, na Herdade das Faias.

“Havia um lavrador...penso que se chamava Lourenço Góis, dono da Herdade das Faias, onde eu lidei a vida toda. Um dia, lembro-me que apareceu lá uma mula, cheia de feridas, não se levantava, não trabalhava e ninguém fazia nada dela. Sem se saber o que fazer, alguém disse para se dar banho à mula, no pego da Herdade. O pego não tinha fundura nenhuma, era onde se dava água aos porcos e onde eles se enlameavam - até tínhamos tirado de lá as silvas e a porqueira, para aquilo estar em condições. Todos os dias, às vezes, duas e três vezes, se dava banho à mula. Ao fim de uns oito dias, a mula já se punha de pé, e em menos de nada, já tinha voltado ao trabalho.

A história correu a aldeia, mas ninguém acreditava que a água tinha curado a besta. Certo dia, uma mulher que se queixava de dores nas pernas, farta de ir ao médico e de remédios que não a ajudavam, também se quis ir banhar no pego. Depois disso, só sei que ela ficou boa.

A partir daí, volta e meia, estava a Herdade cheia de gente para se lavar naquela água. Ora, o Lourenço ao ver aquilo, aproveitou e começou a fazer lá festa grossa. Organizou umas garraíadas, e depois, ao ver que as pessoas gostavam daquilo, com ajuda de outros lavradores, montou uma praça de touros. Era uma coisa linda, famílias e famílias passavam, às vezes, 15 dias debaixo das azinheiras. Ali, comia-se, bebia-se e

ia-se ao banho. Para além das touradas, vinham os tocadores de fora e faziam-se grandes bailes. Que saudades.

Esperava-se um ano inteiro pelo 29 de Agosto, e vinha gente de todo o lado. Desgraçadinhos como eu e outros com dinheiro. Todos iam ao 'banho da porca', nome pelo qual ficou conhecida a festa, uma vez que os animais se enlameavam nesse pego.

Depois, o lavrador deixou de fazer lá as festas e isto perdeu-se. É pena, são coisas que trazem muita saudade. Hoje, os moços novos não querem saber disto. E pouca gente conta a história desde o início, como deve ser. " ■

"Todos iam ao banho da porca".

Manuel Fragoso,
89 anos



"Eu namorava com um moço da aldeia, mas a minha mãe não gostava nada. Quando lhe pedi para ir ao banho com ele, não me deixou, pois então. Ora, eu, há dias que eu só pensava naquilo, queria mesmo ir ao banho. Queria dançar e ver a tourada. Fiquei triste por não ter autorização para tal. O que é que eu havia de fazer?! Como não me deixavam sair, antes do 29, juntei-me logo com o meu namorado. Fiz a lua-de-mel na Herdade das Faias, tinha eu 17 anos. Foi o último banho de 29 de que tenho memória. Era uma água muito boa.

Hoje em dia, ainda há quem venha buscar uns garrafões de água, de vez em quando."

Catarina Saramago,
68 anos



'A AMIZADE NÃO TEM IDADE'

texto_ Marco Maurício

IDOSOS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE FERREIRA VÃO À ESCOLA E 'BRINCAM' COM 'MAGALHÃES'.

"As crianças mostram-nos coisas que nunca vimos, e nós contamos-lhes outras que eles não sabem". A frase é de João Pereira, de 87 anos, um dos vários idosos da Santa Casa da Misericórdia de Ferreira do Alentejo que, no início de Fevereiro, se deslocaram à E.B.1 e Jardim de Infância para aprender como funciona o computador 'Magalhães'. Na actividade, enquadrada no projecto 'A Amizade não tem idade', anciãos e alunos do 2.º ano, sentaram-se à mesa, e discutiram novas tecnologias. Os objectivos da iniciativa passam por estreitar laços entre crianças e idosos, através da interacção entre diferentes gerações. Os 'avós emprestados' trazem à memória as suas histórias de vida, contos e tradições. Os mais novos ensinam-lhes a escrever o nome, fazer desenhos e a usar internet. "Gosto muito de estar no meio da juventude, e já sei fazer algumas coisas no computador. Não quero parar de aprender nunca", afirma Catarina Jesus, de 86 anos.





“As crianças entusiasmam-se e esforçam-se para mostrar o que aprendem nas aulas, e os idosos, apesar das limitações, também se interessam por estas novidades”

João Machado

Para os idosos, este, é um encontro com todo um mundo desconhecido. ‘Word’, ‘Paint’ ou ‘Google’, são palavras estranhas, com sons futuristas, que pouco lhes dizem. “Modernices fantásticas”, dizem eles, que ainda lembram o quadro de pedra e o pedaço de giz gasto, antigamente usado para desenhar letras. “É a primeira vez que toco num computador. É uma maravilha. Naquele tempo, tínhamos muitas ideias, mas não tínhamos meios para as desenvolver”, conta Elisiário Ramos, de 88 anos.

O programa ‘A Amizade não tem idade’ pretende abrir as portas da Escola à comunidade e proporcionar aos alunos novas experiências, com o intuito de favorecer a sua maturidade cívica e sócio-afectiva. Segundo Lurdes Barão, uma das coordenadoras do

projecto, a iniciativa traz para a escola valores muito importantes, através dos mais velhos. “A missão da Escola é mostrar às nossas crianças que os idosos são um poço de saber, e que estes encontros, são encontros com o conhecimento”, explica.

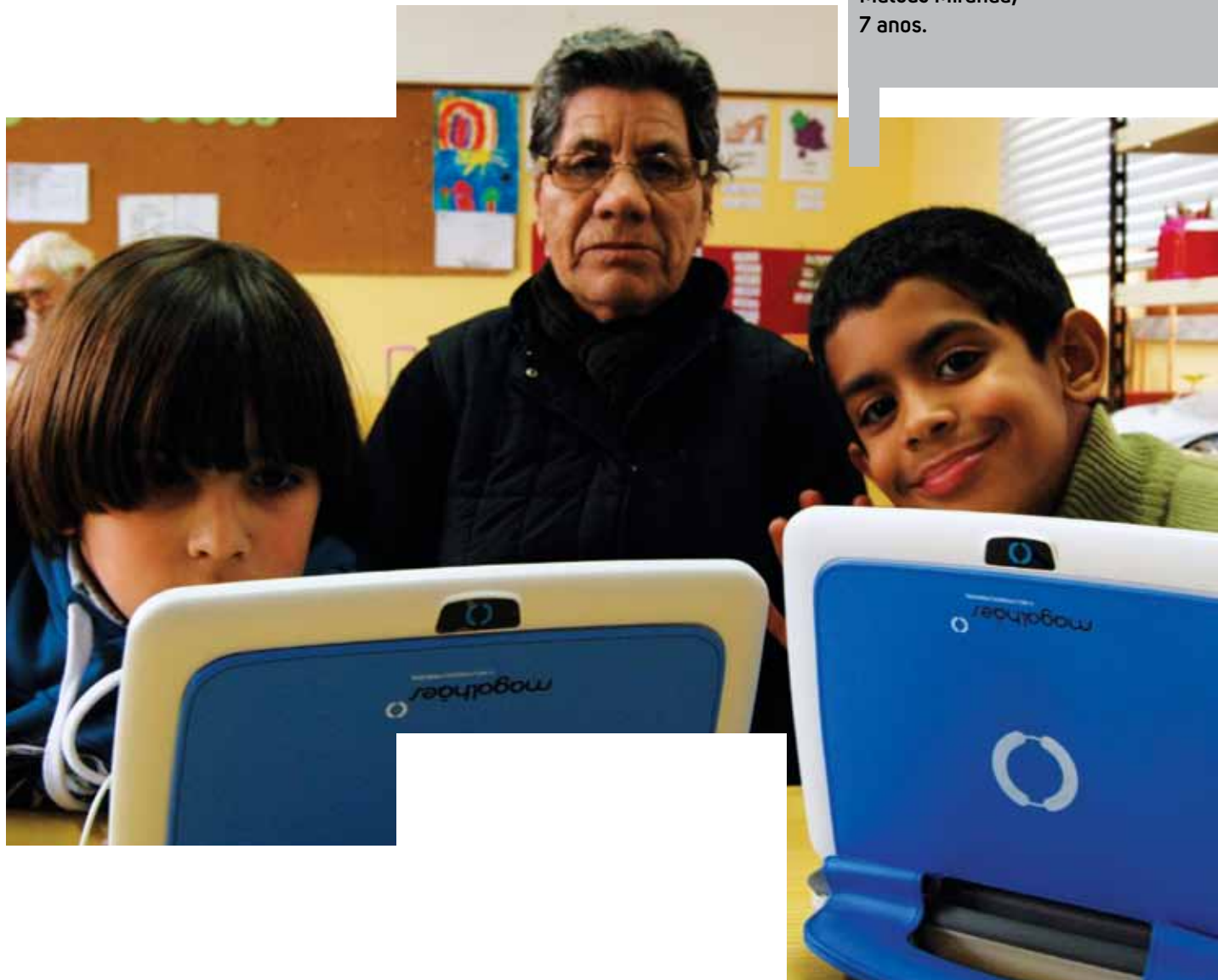
João Machado, professor de TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação, garante que o ‘A Amizade não tem idade’ é um aposta ganha, no desenvolvimento de ‘miúdos e graúdos’. “As crianças entusiasmam-se e esforçam-se para mostrar o que aprendem nas aulas, e os idosos, apesar das limitações, também se interessam por estas novidades”, diz.

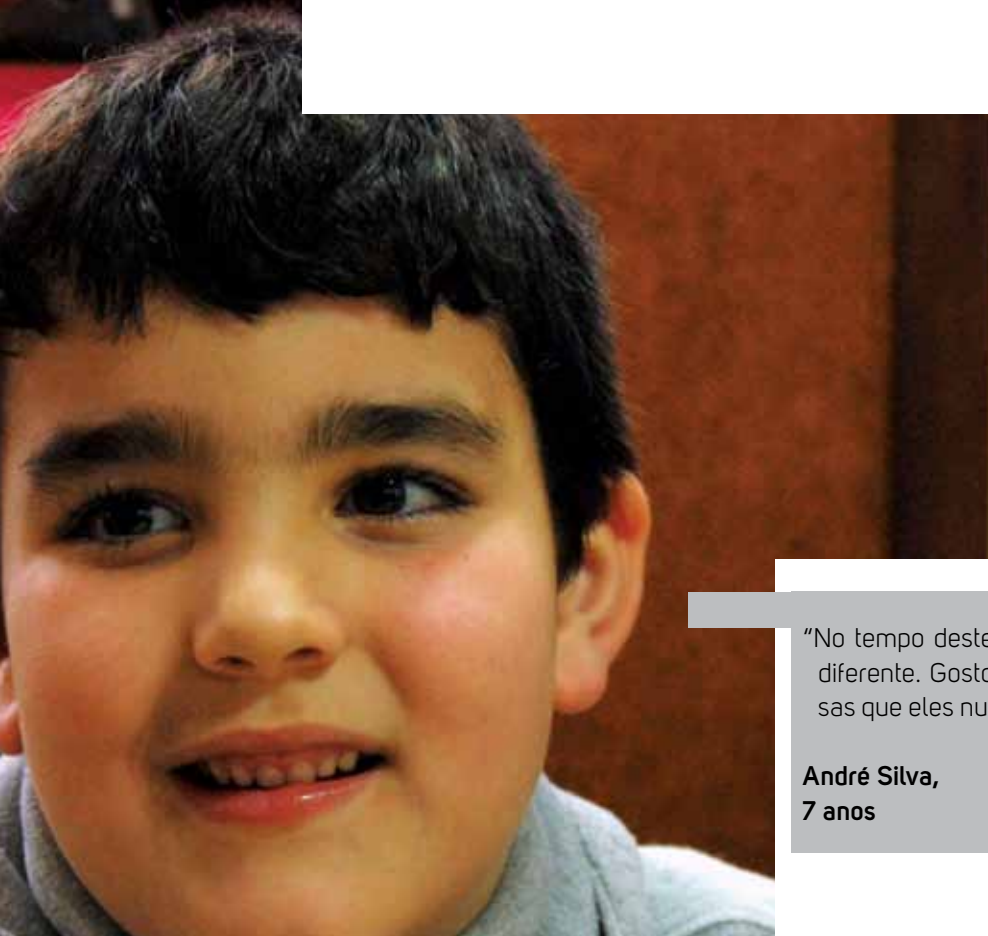
No projecto de interacção com a terceira idade, prevêem-se ainda mais actividades educativas e culturais, ao longo do ano. Os alunos vão recolher benzeduras, mezinhas caseiras, receitas tradicionais, poesia popular e jogos tradicionais. Nas próximas edições do programa, os jovens vão também formar a 'Brigada Assinatura', onde tentarão ensinar os 'avôs' a escrever o seu nome. ■



"Gosto de mostrar os meus desenhos e explicar como se fazem. Os idosos nunca viram um computador."

**Mateus Miranda,
7 anos.**





"No tempo destes senhores, era tudo diferente. Gosto de lhes ensinar coisas que eles nunca viram."

André Silva,
7 anos



"Gosto desta actividade, mas temos de explicar com cuidado, porque alguns já tem muita falta de vista e enganam-se nas teclas."

João Filhó,
7 anos.



"É muito giro apresentar os Magalhães e explicar como trabalham. Depois disso, ainda podemos ouvir histórias dos 'velhinhos' ."

Margarete Zambujo,
7 anos

RIR SEMPRE FOI REMÉDIO

texto_ Marco Maurício

MAIS DE UMA DEZENA DE PESSOAS QUISERAM EXPERIMENTAR OS BENEFÍCIOS DO "YOGA DO RISO".

Em tempos de crise, nada melhor que rir para aliviar as tensões do dia-a-dia. Faz bem à mente e ao corpo, diz quem sabe. Imagine, agora, se alguém lhe ensinasse a prolongar essa sensação. Foi o que um grupo de doze pessoas, de todas as idades, quis descobrir, ao participar numa actividade inédita em Ferreira do Alentejo: 'Yoga do Riso'. No passado dia 22 de Fevereiro, através da Associação 'Ser Vida', a formadora Cândida Santos deslocou-se à Casa do Povo e trouxe a boa disposição consigo.

"O 'Yoga do Riso' foi inventado na Índia, por um médico chamado Dr. Madan Katar, que se apercebeu que os pacientes mais alegres e optimistas tinham uma recuperação mais rápida", conta Cândida Santos.

Para quem nunca ouviu falar desta prática, importa sublinhar que, cada sessão, deve ser subordinada a um tema, e neste caso, escolheu-se 'O Riso' para iniciação. Depois, num ambiente intimista, a

formadora conduz os participantes até à gargalhada, através de um série de exercícios em grupo. Durante a actividade, reserva-se sempre lugar para um hino do 'Yoga do Riso', bem como para práticas de respiração e meditação.

Segundo a formadora, os benefícios de rir saltam à vista. "A nível fisiológico, rir





aumenta o nível de oxigenação do organismo, favorece a libertação de endorfinas, melhora a capacidade cardiovascular e fortalece o sistema imunitário. A nível psicológico, ajuda na nossa auto-estima, combate a ansiedade e previne estados depressivos”, explica.

Na iniciativa, se havia gente de diferentes gerações, também havia pessoas com diferentes sentidos de humor. “Nem sempre é fácil fazer as pessoas rir, e dificilmente se atinge a gargalhada solta na primeira aula. Contudo, nós seguimos o lema ‘finja, finja, até que atinja’, e isso já tem efeitos muito positivos nas pessoas”, acrescenta Cândida Santos.

No ‘Yoga do Riso’ ensina-se a desdramatizar a vida e os seus problemas, através de uma atitude mais descontraída. Porém, “estes são também exercícios profundos e introspectivos”, diz a formadora. “Quando se abre uma porta ao riso, também se abre a outras emoções e sentimentos. Vários são aqueles que se surpreendem nestas actividades”, revela.

A Associação ‘Ser Vida’ existe há cerca de cinco anos, e promete voltar a trazer actividades que promovam a saúde e o bem estar no Alentejo. ■

“Quando se abre uma porta ao riso, também se abre a outras emoções e sentimentos. Vários são aqueles que se surpreendem nestas actividades”.

Cândida Santos

'FUJA' DO AVC

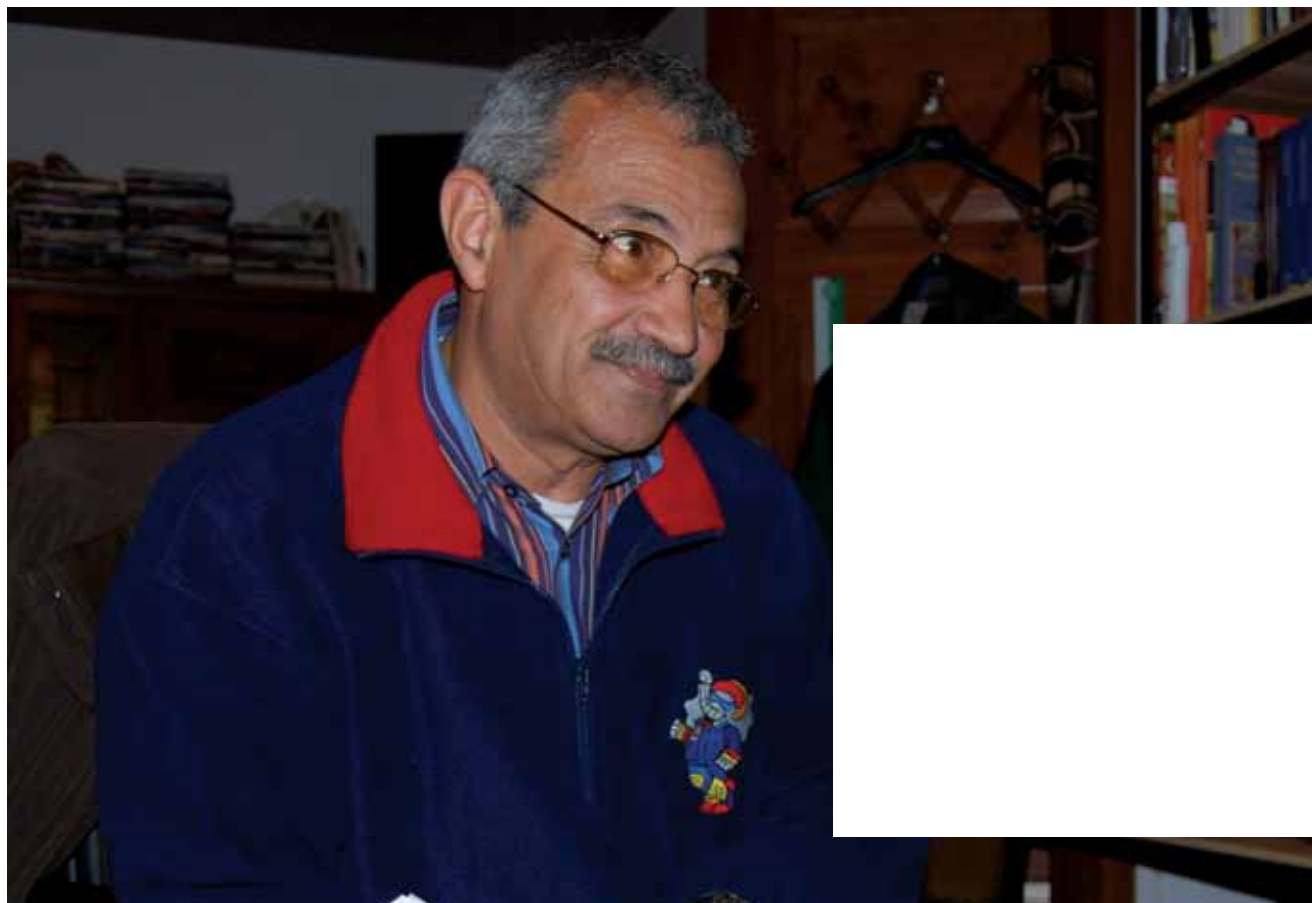
texto_ Marco Maurício

SEGUNDO A SPAVC, O AVC É A PRINCIPAL CAUSA DE MORTE E INCAPACIDADE NO PAÍS.

Nos tempos que correm, muita gente anda preocupada com os níveis do seu colesterol e da sua tensão arterial. Contudo, vivemos numa época onde, cada vez, há menos tempo para ter uma alimentação e hábitos de vida saudáveis. Ora, se no imediato, as consequências não passam de uns quilos a mais, a longo prazo, podem resultar no desenvolvimento de doenças cardiovasculares e cérebro vasculares. Em casos extremos, as patologias podem mesmo dar origem aos temidos Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC).

Segundo a Sociedade Portuguesa do Acidente Vascular Cerebral (SPAVC), o AVC é a principal causa de morte e incapacidade, no País. Estudos recentes revelaram que, anualmente, morrem 160 doentes por cada 100 mil habitantes, vítimas de AVC – o correspondente a duas mortes, por hora, aproximadamente. Sobreviver, em mais de metade dos casos, significa ficar dependente de terceiros, devido a sequelas físicas, psicológicas e sociais, algumas vezes, irreparáveis. Estes acidentes acontecem, na sua maioria, em pessoas com mais de 50 anos, todavia, esse cenário tem vindo a alterar-se, registando-se um aumento significativo da taxa de incidência em jovens adultos.

A Revista de Ferreira quis saber mais sobre o assunto, e esteve à conversa com o Dr. Homero Martins, médico em Ferreira do Alentejo, há mais de 20 anos. "Os mais novos até conhecem as causas e consequência de um AVC, no entanto, não fazem o seu dia-a-dia de acordo com



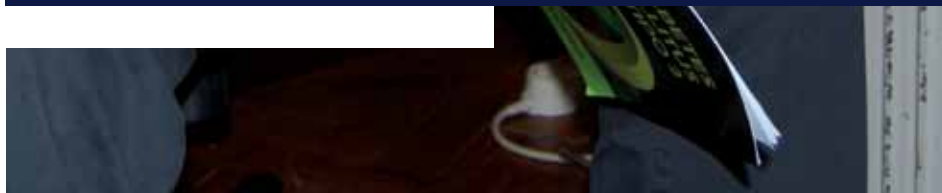
essas preocupações”, comenta o médico. Segundo o doutor, abordar esta problemática tem de passar, obrigatoriamente, pela prevenção e correcção de factores de risco. “ Aspectos como a hipertensão arterial, obesidade, diabetes e sedentarismo, por exemplo, são cenários de risco, que devem ser diagnosticados e tratados, precocemente”, alerta.

No entanto, no ritmo alucinante a que gira a nossa sociedade, as idas ao médico tendem a acontecer apenas no final da linha. “ A grande parte da população vai ao Centro de Saúde à espera de milagres, quando podia ter resolvido certos problemas há anos, através de consultas periódicas e aconselhamento com o seu médico de família.”, afirma Dr. Homero.

No caso da hipertensão arterial, importa reter que a sua vigilância e controlo são essenciais. Como? Através de medições regulares e terapêutica ajustada a cada situação. No entanto, muitos hipertensos não sabem que o são. Ou então, sabem,

“Os mais novos até conhecem as causas e consequência de um AVC, no entanto, não fazem o seu dia-a-dia de acordo com essas preocupações”.

Dr. Homero Martins



“A grande parte da população vai ao Centro de Saúde à espera de milagres, quando podia ter resolvido certos problemas há anos, através de consultas periódicas e aconselhamento com o seu médico de família”.

Dr. Homero Martins



e não tomam precauções. Além disso, existem outros comportamentos que podem agravar a doença. “Álcool, tabaco e dietas à base de gorduras, sal e açúcar são hábitos que devem ser evitados ao máximo”, acrescenta.

Outra consequência de comportamentos alimentares errados é a obesidade, uma realidade que tem vindo a crescer e a verificar-se em idades, cada vez, mais baixas. Importa salientar que, no ano passado, a Direcção Geral de Saúde confirmou que 25% das crianças entre os três e os cinco anos têm excesso de peso, valor que cresce para 30 % entre os sete e os 11 anos. Uma situação que, sem inter-

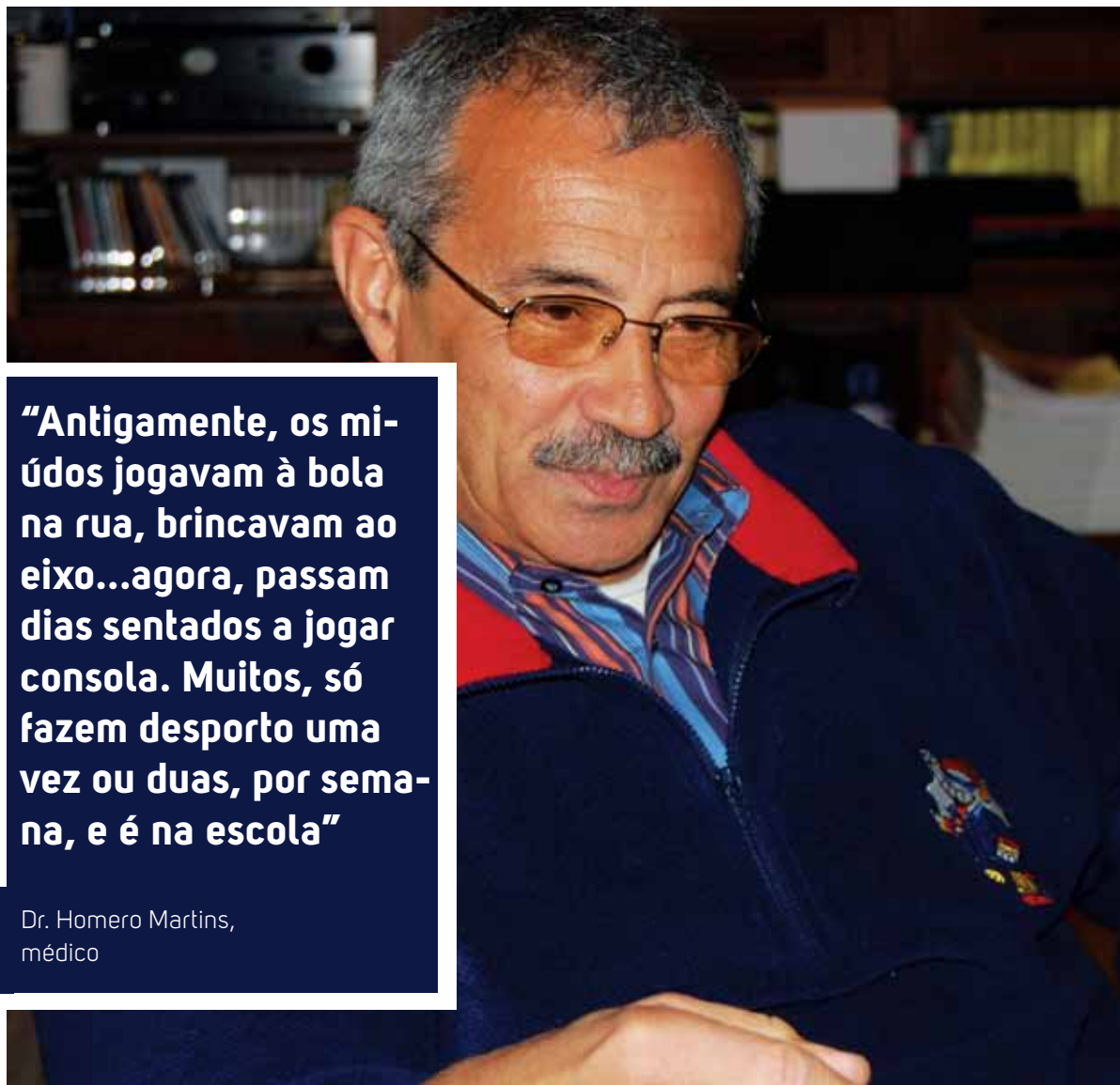
venção, tende a evoluir com o tempo e a trazer complicações em idade adulta. “É preciso atacar o problema em tenra idade, e apostar na educação para a saúde. Mas não vale de nada os miúdos fazerem trabalhos sobre alimentação saudável, na escola, se ao saírem de lá, os pais lhes derem hambúrgueres e ice-tea’s ao almoço”, comenta o clínico.

A juntar à alteração das dietas, há que ter em conta a redução de exercício físico, por parte da população em geral. “Antigamente, os miúdos jogavam à bola na rua, brincavam ao eixo... agora, passam dias sentados a jogar consola. Muitos, só fazem desporto uma vez ou duas, por se-

mana, e é na escola”, constata o doutor. Falamos, pois, de vícios e hábitos que se prolongam durante anos, e conduzem a um perigoso sedentarismo.

Outro grande factor de risco é a diabetes, uma doença que pode evoluir num quadro de obesidade. “Corrigir o excesso de peso pode prevenir o aparecimento da patologia. Noutra perspectiva, quem já sofre da doença deve perceber que a monitorização e medicação adequada são imprescindíveis para precaver um AVC”, garante. Em último caso: Falta de força num braço, ‘boca ao lado’ e discurso confuso, são indícios suficientes para agir. Ligue para o 112, o quanto antes.

Já agora, e você? Há quanto tempo não faz umas análises ao sangue, por exemplo? Pois... Por isso, não ignore sintomas e reveja os seus hábitos. Proteja a sua saúde. ■



“Antigamente, os miúdos jogavam à bola na rua, brincavam ao eixo...agora, passam dias sentados a jogar consola. Muitos, só fazem desporto uma vez ou duas, por semana, e é na escola”

Dr. Homero Martins,
médico

FERREIRA SUSTENTÁVEL

texto_ Marco Maurício

O MUNICÍPIO AVANÇA COM PROJECTO INOVADOR DE SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

O

Município de Ferreira do Alentejo assume a necessidade de novos comportamentos ambientais face às alterações climáticas do planeta. Neste sentido, a pensar num crescimento económico amigo do ambiente, e na salvaguarda das gerações futuras, a Autarquia desenvolve o projecto "Ferreira Sustentável".

Com a consciência de que todos nós contribuimos para o efeito de estufa, a iniciativa tem como objectivo informar e sensibilizar a comunidade quanto ao uso racional de energia. Assim, o Ferreira Sustentável é um programa CARBONO ZERO, que espera motivar a população e as diversas empresas do concelho a adoptar novas formas de agir, de modo a reduzirem as emissões de gases CO₂.

Inserido neste projecto, destaquem-se o Centro de Educação Ambiental e o Eco-Centro de Compostagem Caseira (EC3), onde decorrem várias acções de formação a jovens e adultos do concelho (ver caixa). Além destes pólos estão já a ser

postas em prática outras medidas para redução de CO₂, definidas pelo Protocolo de Quioto, como: Recolha Selectiva de Resíduos, Construção Sustentável, Iluminação Eficiente, Construção de Parques Solares, Programa Eco-Escolas, Plano Municipal de Substituição /Modernização de ETAR, Agenda 21 Local, Sensibilização para o Consumo Sustentável, Redução de utilização de Sacos de Plástico e Sensibilização da população, através de Eco Notícias.

Com esta preocupação, registe-se ainda o Pacto de Autarcas – um desafio lançado pela Comissão Europeia -, que contempla a redução de gases com efeito de estufa para 20%, até 2020. O Município de Ferreira do Alentejo foi uma das 350 autarquias europeias e uma das sete portuguesas que assinou o acordo em Bruxelas, em Fevereiro de 2009. ■

AGRICULTURA BIOLÓGICA

No nosso concelho, existem já empresários agrícolas preocupados com a sua pegada ecológica. É o caso de Ana Carla Gouveia, de 46 anos, que produz carne biológica, há cerca de sete anos. "Faço agricultura como se fazia há 50 anos, num ciclo onde não se introduz nada químico, nada que não tenha já pertencido à terra", explica.

Ana Gouveia que, juntamente com o marido, está à cabeça de uma empresa com apenas quatro colaboradores, produz vitelão, novilho e ainda grão de bico. Para alimentar os animais, desenvolve germinados, à base de sementes de cevada, trigo, vicias e aveia, bem como outras consociações para fazer feno. "Reciclamos e aproveitamos tudo, para conceber rações e compostos de fertilização", frisa. No início do negócio, a empresária confessa ainda ter cedido à agricultura convencional mas, rapidamente, se apercebeu das inúmeras vantagens dos sistemas naturais. "Além de preservar o ambiente, a agricultura biológica, a longo prazo, não é tão afectada pelo clima, uma vez que cria matéria orgânica no solo, tornando-o mais resistente à chuva e à seca, por exemplo", garante. E mais, segundo Ana Carla Gouveia, a qualidade dos produtos é significativamente superior. "Quem experimenta produtos biológicos, difícil-

mente, volta aos outros, uma vez que, depois, consegue notar o sabor aguado e gorduroso, fruto de processos químicos", acrescenta.

A agricultora admite que é uma actividade dura e exigente. Nestes moldes, chega-se a "perder em produtividade para ganhar em vida", assegura. Ainda assim, Ana Gouveia está confiante que as práticas biológicas são o caminho para o desenvolvimento sustentável do sector.

Inovadora, criativa e simples, são os três adjectivos que a empresária gosta de utilizar para caracterizar a sua actividade. "Penso que a agricultura biológica pode servir de ponte para uma 'agricultura não biológica' mais sustentável e respeitadora da biodiversidade", sugere. ■

MENSAGEM

A agricultura Biológica é a produção de alimentos em que não se faz uso de produtos químicos sintéticos, tais como fertilizantes, pesticidas e organismos geneticamente modificados. A nível nacional, a agricultura biológica tem vindo a ter uma posição de destaque, resultante da crescente preocupação relativa à segurança alimentar, e pelos impactos ambientais associados à agricultura tradicional. Com esta metodologia, são respeitados os mecanismos ambientais de controlo de pragas e doenças, produção vegetal e criação de animais, pela não utilização de pesticidas e fertilizantes químicos, que têm grandes impactos na contaminação do solo e águas subterrâneas. ■

Rita Paiva,
Engenheira do Ambiente da CMFA



"Faço agricultura como se fazia há 50 anos".

Ana Carla Gouveia,
46 anos

CONCELHO ADERE A INICIATIVA NACIONAL

Foram às dezenas, os ferreirenses que se juntaram às iniciativas nacionais 'Vamos Limpar Portugal' e 'Vamos Plantar Portugal', nos passados dias 20 e 21 de Março, respectivamente.

A autarquia, através da Comissão Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios, aceitou o desafio nacional, e promoveu uma mega recolha de lixo na Albufeira de Odivelas e vila de Ferreira do Alentejo. Durante este dia foi possível recolher cerca de 6,5 toneladas de lixo, que foi posteriormente encaminhado para a entidade gestora de resíduos, a que o Município pertence, a AMBILITAL- Investimentos Ambientais no Alentejo EIM.

Por sua vez, neste que é o ano da Biodiversidade, foram também plantadas várias árvores na Fonte Nova e Rua Rua Professor Luís Sá, em Ferreira do Alentejo. ■



ESCOLAS DO DISTRITO VISITAM EC3

O Centro de Educação Ambiental e Eco-Centro de Compostagem Caseira são duas das grandes apostas deste Ferreira Sustentável. Inaugurado em Junho de 2009, na antiga Escola Primária dos Gasparões, o centro já recebeu diversas escolas do concelho de Ferreira do Alentejo e concelhos vizinhos. Foram ainda realizados vários Cursos de Formação de Compostagem Caseira e Identificação de Cogumelos, bem como workshops e sessões de sensibilização, direccionadas à população em geral. O espaço, que foi sujeito a obras de reabilitação, encontra-se em intimo contacto com a natureza, e permite desenvolver diferentes actividades de sustentabilidade ambiental, em visitas guiadas. O EC3 conta com uma horta biológica, jardim de aromas, zona de compostores, zona de lazer, laboratório e sala de formação. ■



SABER MAIS

Compostagem Caseira

É um processo biológico aeróbio, em que é promovida a decomposição da fracção orgânica dos resíduos sólidos com formação de um fertilizante natural.

Ferreira Sustentável na net

A autarquia já disponibilizou toda a informação do projecto de sustentabilidade ambiental em:

www.ferreirasustentavel.com

Protocolo de Quioto:

Este protocolo representa um acordo entre a maioria dos países industrializados do mundo, para redução de emissão de gases com efeito estufa em, pelo menos, 5,2 %, até 2012.

Plano de Energia Sustentável:

Conjunto de acções no sentido de reduzir as emissões de gases com efeitos de estufa no município, em 20%, até 2020. Desta forma, foram já realizados inquéritos à população, serviços e empresas do concelho, no sentido de avaliar os consumos de energia.

NATUREZA E POESIA DE MÃOS DADAS

No Dia Mundial da Árvore e Dia Mundial da Poesia, a 21 de Março, a Biblioteca Municipal e o Serviço Espaços Verdes da Câmara foram ao Centro Infantil da Santa Casa da Misericórdia e E.B.1/J.I. de Peroguarda para assinalar a data. Na iniciativa, mais de uma centena de crianças pode assistir a leituras animadas, bem como participar na plantação de árvores.

Num projecto onde a natureza e a poesia andaram de mãos dadas, houve também espaço para a promoção de um 'livrinho' de poemas, da autoria dos utentes do projecto "A Biblioteca Vai ao Centro de Dia", com ilustração dos alunos da E.B.1/J.I., ambos de Peroguarda. ■

REBOTALHOS

DE

UM ALENTEJO

texto_ compilação de António Inverno, baseada no livro 'Linguagem Popular do Baixo Alentejo', de Manuel Joaquim Delgado

ANTIGOS FALARES E IMAGENS DO DIA-A-DIA

Tempos houve em que nem se supunha que alguma vez houvesse televisão. A rádio estava nos seus primórdios, a iliteracia era quase total. Por isso, toda a comunicação era feita pela fala, e como também não existia nem a palavra globalização, cada região, cada terra, tinha a sua terminologia. Qualquer alentejano era conhecido noutros locais pelo seu sotaque, pelos termos, palavras e expressões. E, como as pessoas viviam em círculos limitados, quase sempre ligados ao seu quotidiano, os termos comuns eram a imagem do dia a dia, dos factos ou das vivências. Por exemplo, era mais sugestivo dizer carrapata em vez de enredo ou esparramado em vez de estendido. ■



Abespera – Vespa.
Adiafa – Gratificação do patrão, no final de um dia de trabalho.
Alqueire – Medida de secos. Variava de zona para zona. Em ferreira, um alqueire representavam 11,2 litros.
Amezinho – Enganado.
Atasquêro – Lamaçal.
Atazanar – Irritar.
Assolapar – Espantar.
Assuice – Arruaça, barulheira.
Avio – Compras para levar para o campo.
Barbilho – Dispositivo que impede as crias de mamar.
Belência – Melancia.
Berbicacho – Questão duvidosa.
Bicoso – Esquisito com a comida.
Bisca – Pessoa pouco agradável.
Briol – Vinho.
Cabedar – Caber por sorte.
Cachamorra – Chatice.
Cagança – Vaidade.
Calaceiro – Mandrião.
Calmaria – Calor.
Caldaça – Sopa aguada.
Calhandrice – Maledicência, alcoviteirice.
Catadura – Feitio.
Catarral – Pneumonia.
Ceirão – Alcova grande para os cereais;
Desalvorado – Sem controle.
Descadeirado – Pessoa com dores nas costas.
Delir – Apodrecer.

Discorrer – Pensar.
Empanzinado – Empanturrado.
Escarranchado – Montado ou sentado com uma perna para cada lado.
Embarrilado – Enganado.
Enjojo – Pessoa mal ajeitada.
Enlagaricar – Engordar.
Enregar – Começar.
Entrementes – Entretanto.
Entretenga – Ocupação leve.
Enxuto – Magro.
Escalmorrado – Encalmado.
Escarcéu – Barulho.
Estrafegar – Cortar em pedaços.
Estroinice – Vida sem rumo.
Fanchona – Mandriona.
Fariseu – Mau, perverso.
Fezes – Cuidados.
Fonção – Casamento; boda.
Gangão – Desequilíbrio.
Ganhão – Trabalhador rural especializado.
Garrocho – Torto.
Gateira – Buraco na porta dos celeiros para entrarem os gatos.
Graça – Nome.
Grulha – Desleal no jogo.
Jaronda – Porca.
Lambareiro – Alcoviteiro.
Lavajar-se – Lavar-se de forma incompleta.
Liorna – Desordem.
Madraço – Preguiçoso; vadio.
Masarulho – Inchaço; saliência.
Merendeiro – Pão pequeno.
Mijangro – Forreta.
Mijinha – Avarento.
Moleija – Papas de sangue de porco com pão migado.
Mosseiroso – Sujo.

“A terminologia antiga está em desuso, está a perder-se, por isso, a razão desta pequena evocação.”

António Inverno

Naifa – Navalha.
Nêncio – Néscio; ignorante; irresponsável.
Ogar – Salpicar com água.
Opinoso – Pessoa com carácter.
Oxaria – Conjunto de alfaías e animais.
Pantomineiro – Mentiroso.
Parrascana – Tosco; rude.
Pesporrância – Arrogância.
Pial – Poial.
Poia – Pagamento ao ‘forno’ por cozer o pão.
Porrar – Destruir.
Porreto – Bordão torto.
Prantar – Pôr.
Quedo – Quietos.
Rastomenga – Armadilha para os pássaros.
Rebotalho – Resto.
Rechelês – Activo; alegre.
Rilar (os dentes) – Ranger.
Sarapatel – Sopa de pão, feita a partir de sangue e miudezas de borrego.
Serraceiro – Chuvisco.
Sumiço – Desaparecimento.
Tabaréu – Fala-barato.
Tanganhada – Aperto de mão.
Tíbio – Morno.
Tiborna – Pão quente ou torrado com azeite (com açúcar ou sal).
Tranquitana – Coisa sem utilidade.
Túrgia – Móveis velhos.
Varrasco – Porco não castrado.
Venda – Taberna.
Vossemecê (de vossa mercê) – Forma de tratamento face pessoas mais velhas.

BREVES



HERDADE DO PINHEIRO GALARDOADA

A Herdade do Pinheiro foi novamente premiada pelos seus vinhos.

Na Revista dos Vinhos de Outubro de 2009, o vinho "Herdade do Pinheiro Reserva Tinto 2004" recebeu a classificação de 17 valores. A edição de Fevereiro de 2010, da mesma publicação, atribui o Prémio Melhor Compra ao "Herdade do Pinheiro Branco 2008" e ao "Moinho da Asseiceira Tinto 2008". Destaque-se ainda a Medalha de Ouro para o vinho "Herdade do Pinheiro Reserva Tinto 2004", atribuída pela Internationale weinprämierung Zürich, im Technopark Zürich-Juli 2009, e o prémio Escolha de Imprensa, para "Herdade do Pinheiro Homenagem a A. Silvestre Ferreira - Colheita Seleccionada 2004". ■



FERREIRA SOLIDÁRIA

A Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo participou no 3.º Fórum Nacional de Saúde, no Centro de Congressos de Lisboa, entre os dias 8 e 9 de Março. No evento, o presidente Anibal Reis Costa apresentou o S.A.I – Serviço de Apoio ao Idoso de Ferreira do Alentejo. ■

INAUGURAÇÃO ESPAÇO "RURALIDADES"

A Junta de Freguesia de Ferreira do Alentejo inaugurou o espaço "Ruralidades", no dia 10 de Fevereiro. O "Ruralidades", situado na rua Serpa Pinto nº 32, surge na sequência de outros, como os pólos de Aldeia de Rouquenho/Gasparões, Fortes e Aldeia de Ruins/Olhas.

O espaço "Ruralidades", além de um programa de animação de idosos, objectiva também a dinamização, recolha, preservação e divulgação da cultura local, em particular o património imaterial. ■

RECICLE OS ELECTRODOMÉSTICOS

A Associação Gestora de Resíduos de Equipamentos Eléctricos e Electrónicos (ERP), em colaboração com a Autarquia de Ferreira do Alentejo, instalou um Depósito, na Divisão Técnica da Câmara. Neste contentor, pode colocar, por exemplo, telemóveis, rádios, televisões, torradeiras ou ferros de engomar, em fim de vida, para reciclagem. ■



'PANDA-PÁ' NA SEMANA DA LEITURA

No âmbito das comemorações da Semana da Leitura (1 a 8 de Março), o concelho de Ferreira do Alentejo recebeu a conceituada companhia de teatro 'Panda Pá', com o espectáculo 'O Mundo de Anderson'. Assim, em Canhestros, Figueira dos Cavaleiros e Alfundão, dezenas de crianças do Pré-Escolar e 1.º Ciclo entraram num mundo mágico de poesia, ilusão, aventura e sonho. ■



CRIANÇAS VISITAM BIBLIOTECA

Os Serviços Educativos da Biblioteca Municipal desenvolveram, entre Janeiro e Março, o projecto 'Prazer em Receber', com os Jardins-de-Infância e escolas do 1.º Ciclo, do concelho. Na iniciativa, deu-se a conhecer a vida e obra de vários autores de literatura infantil, através do teatro. "O programa tem como objectivo desenvolver o hábito e prazer de ler. Além disso, nestas histórias, são transmitidos valores e conhecimentos muito importantes para o crescimento dos alunos", explica Dina Canudo, uma das animadoras. ■



JOGOS DESPORTIVOS 2010

Já estão a decorrer os Jogos Desportivos 2010. São mais de 21 modalidades, para todos os gostos e idades, numa aposta da Autarquia em promover a saúde e o bem estar, através do desporto. Até dia 9 de Julho, divirta-se nas várias actividades, um pouco por todo o concelho.

À sua disposição, tem modalidades como: Aeróbica, Atletismo, Basket 3x3, Bilhar, Caminhada, Cicloturismo, Damas, Dominó Belga, Futsal, Hidroginástica, Malha Corrida, Malha Terra Batida, Orientação, Paintball, Pesca Desportiva, Snooker, Ténis de Campo, Ténis de Mesa, Tiro ao Alvo, Volei 3x3 e Xadrez. ■



COMBATE À TOXICODEPENDÊNCIA

Ferreira do Alentejo conta já com o novo Núcleo Territorial do Plano de Respostas Integradas, uma medida no combate à toxicodependência, no concelho. O projecto conta com a parceria do IDT – Instituto da Droga e Toxicodependência, da ESDIME, Agrupamento Vertical de Escolas, Juntas de Freguesia, GNR, Segurança Social, Ferreira Activa, Velo Clube, entre outras. ■

AVEVA CRIA NOVO GABINETE DE APOIO

O Agrupamento Vertical de Escolas de Ferreira do Alentejo (AVEVA), através da Mediação Escolar/ Social, do Instituto de Apoio à Criança, constituiu o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF). O projecto tem como objectivo promover a inter-relação entre família/escola/comunidade, de forma a despistar situações de risco e consolidar o aproveitamento escolar. O atendimento realiza-se às terças e quintas-feiras, na E.B. 2,3 José Gomes Ferreira. ■



BIBLIOTECA ANIMA CENTRO DE SAÚDE

As idas ao médico já não precisam de ser uma tortura total. Todas as quartas-feiras, de manhã, a Biblioteca Municipal desloca-se ao Centro de Saúde de Ferreira do Alentejo para animar as salas de espera. O projecto chama-se 'Pôr os Livros ao Caminho' e tem como objectivo promover a leitura em diferentes espaços. Assim, para aliviar o stress das consultas, crianças e adultos têm agora oportunidade de requisitar livros e revistas, de todos os géneros, bem como participar em várias actividades lúdicas. ■

EMBAIXADORES DA MARCA FERREIRA

'Modernidade e Empreendedorismo', foi este o mote da sétima edição do projecto 'em.cantos', que se realizou no Museu Municipal de Ferreira do Alentejo, dia 26 de Março.

Em evidência, estiveram dois exemplos de sucesso empresarial do concelho, Herdade Vale da Rosa e Quinta de S. Vicente. Segundo Aníbal Reis Costa, presidente da Câmara de Ferreira do Alentejo, falamos de "dois investimentos que se assumem como 'embaixadores da 'Marca Ferreira'." No encontro, discutiu-se a necessidade de inovação, pública e privada, como estratégia de desenvolvimento, num mercado cada vez mais global e competitivo.

Além do edil, a iniciativa juntou Paulo Madruga, Professor do Instituto Superior Economia e Gestão, António Silvestre, Administrador da Herdade Vale da Rosa, João Filipe Passanha, Administrador Taifas – Indústria de Comércio de Azeite, SA, Carlos Carapeto, Director do Serviço de Assistência Empresarial do IAPMEI, Marco Neiva, da Hypercube 3D, e José Eduardo, Administrador do Grupo Casa do Marquês.

Registe-se que o projecto é dinamizado pelo Instituto Politécnico de Beja, e conta com Ana Paula Figueira enquanto moderadora. ■



JOAQUIM ESPADINHA EM DESTAQUE

Maria da Conceição Espadinha Ruivo apresentou o livro 'Ó fala que foste fala', na Biblioteca Municipal, dia 21 de Março. A obra é uma compilação de 'décimas' do seu avô, Joaquim Espadinha, conhecido poeta popular de Alfândão, que viveu entre 1871 e 1955.

Os versos, em tons de melancolia, humor e crítica, reflectem o País e a época da sua vida, através de uma aguçada crónica poética.

No evento, houve ainda tempo para a leitura de alguns desses poemas, com a participação de quatro declamadoras de Peroguarda. Registe-se que a composição mais antiga do autor data de 1890, altura em que Joaquim Espadinha tinha apenas 19 anos. ■

Revista de

FERREIRA

